OBSERVADOR DA VERDADE

Ano 78 | Nº 1
Janeiro-Março/2018

SÉRIE ESPECIAL

O DESAFIO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

OS GRANDES VILÕES DA ALIMENTAÇÃO
OS CEREAIS REFINADOS PÁGINA 21

ENTREVISTA
Olmício Nascimento
PÁGINA 31

CULINÁRIA
Saudável
PÁGINA 36

OBSERVADOR DA VERDADE

EDITADO TRIMESTRALMENTE:
Órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia - Movimento de Reforma - no Brasil
Periódico dedicado à proclamação dos "mandamentos de Deus e da fé de Jesus"

EDIÇÕES VIDA PLENA:
Livros, revistas e folhetos sobre religião e saúde. Editora Missionária "A Verdade Presente"
Rua Flor de Cactus, 140 – Itaquaquecetuba (SP). CEP 08597-640. Fone (11) 2198-1800. E-mail: redacao@emvp.com.br.

EDITORIAL

Dorval Fagundes
Editor

Conhecendo a Associação Torre de Vigia

Foi-se o ano de 2017, e temos o prazer de abrir o primeiro trimestre de 2018 com a primeira edição. Fique atento, pois há muita novidade no ar! Este ano, assim como os anteriores, traz uma nova série de artigos de capa. O tema destas quatro edições o levará ao interior de um dos movimentos religiosos mais organizados e missionários da atualidade — as Testemunhas de Jeová. Será uma série de quatro edições de cunho apologético, ou seja, oferecerá conhecimentos para que o leitor possa identificar os pontos fortes e fracos de doutrinas que espalham más interpretações e distorções bíblicas. Embora sejam extremamente zelosas e missionárias, as Testemunhas de Jeová defendem pontos de vista que as categorizam como uma seita, e não como uma religião cristã. Entre eles, encontram-se ensinos como o de que Jesus foi criado. Consideram-nO um "deus poderoso", ao invés do Todo-Poderoso Deus. Você conhecerá os principais argumentos e técnicas apresentados por elas ao fazerem seu trabalho de expansão religiosa. Aprenderá também sobre sua história, desde o início até nossos dias. Quer saber mais? Então não deixe de apreciar o maravilhoso texto do professor Alexandre de Araújo.

Esta edição também apresenta uma maravilhosa entrevista com um dos mais novos pastores do Movimento de Reforma, o irmão Olmício Nascimento. Apesar de ser um "pastor novo", no sentido de ter sido ordenado há pouco tempo, nosso querido irmão acumula décadas de trabalho dedicado à obra do Senhor, e é internacionalmente conhecido em nosso meio pela publicação do livro *Ide e ensinai,* que virou best-seller entre os reformistas.

Como de costume, esta edição também traz outros artigos inéditos, assim como notícias dos campos e associações de nosso País, divulgando as atividades do último trimestre de 2017 e começo de 2018.

Aproveite a leitura! Valorize sua revista denominacional!

EXPEDIENTE:

vida plena

Supervisão geral: Marcelo de Araújo Silva
Gerente financeiro: Emerson da Costa Libório
Editor: Dorval Fagundes
Editores associados: Danilo R. Conceição e Alexandre de Araújo
Projeto visual e capa: Danilo R. Conceição e Mariano Santiago
Revisão e copidesque: Dorval Fagundes
Imagens: Sermonview / Dollarphotoclub / Shutterstock / Arquivo Pessoal
E-mail da revista: redacao@emvp.com.br

ÍNDICE

MATÉRIA DE CAPA

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ
PARTE 1 | 9

4 | **MARAVILHAS DA NATUREZA**
HISTÓRIAS BÍBLICAS NA CULTURA DOS POVOS PRÉ-COLOMBIANOS

18 | **GRANDES PREGADORES**
JOHN WESLEY

21 | **SAÚDE**
SÉRIE OS GRANDES VILÕES DA ALIMENTAÇÃO — OS CEREAIS REFINADOS

25 | **COMPORTAMENTO**
O USO DA CRUZ COMO SÍMBOLO DO CRISTIANISMO

31 | **ENTREVISTA**
OLMÍCIO NASCIMENTO

34 | **TROPEÇANDO NA LÍNGUA**
DEVEMOS COLOCAR VÍRGULA ANTES DE "ETC."?

36 | **GASTRONOMIA**
REPOLHO

38 | **ARQUEOLOGIA BÍBLICA**
SELO DE 2700 ANOS CONFIRMA A EXISTÊNCIA DA FIGURA DO GOVERNADOR DA CIDADE

39 | **NOTÍCIAS**

18 | GRANDES PREGADORES
JOHN WESLEY

SÉRIE MIGRAÇÕES PARA AS AMÉRICAS APÓS O DILÚVIO, PARTE 1

Histórias bíblicas na cultura dos povos pré-colombianos

Everton Fernando Alves é Mestre em Ciências pela UEM, autor dos livros *Revisitando as origens e Teoria do Design Inteligente*.
Irwin Susanibar Chavez é formado em Letras pelas Faculdades Integradas Hebraico-Brasileira de São Paulo (UNIESP) e pós-graduado em Psicopedagogia pela IBPEX.

Seja bem-vindo à primeira parte da série *Migrações para as Américas após o dilúvio*. Nossa revista pretende responder uma pergunta considerada sem resposta definitiva pela ciência moderna: *De onde vieram e por onde chegaram os primeiros seres humanos às Américas?* Hipóteses não faltam, sendo que a mais aceita delas propõe a entrada humana pelo atual Estreito de Bering, um vão de 82 quilômetros que separa o Alasca da parte mais oriental da Sibéria, na Rússia. A hipótese afirma que durante a última era do gelo, devido ao nível mais baixo do mar, havia uma ponte de terra que ligava os dois continentes, conhecida como Beríngia. No entanto, essa é a única resposta? Teriam os primeiros homens chegado aqui há 25 ou 30 mil anos, como supõe a ciência moderna? Ou há explicações mais plausíveis envolvendo caminhos e datas mais recentes? Não perca esta viagem ao passado, e surpreenda-se com as *Maravilhas da Natureza*.

Ao analisarmos os registros históricos preservados por nativos pré-colombianos, percebemos que eles acreditavam em um Criador Supremo, e que suas lendas registram um dilúvio global. Percebemos também que muitos detalhes dessas lendas têm estranhas semelhanças com as narrativas bíblicas do Gênesis, sendo inevitável uma associação com as terras e os povos da Bíblia. Depois de considerar vários povos antigos, a conclusão mais plausível é a de que boa parte dos nativos americanos herdou tradições da cultura mesopotâmica que ainda preservam essa ligação, além de relacionarem-na com tradições hebraicas. Essa similaridade se dá não só pela semelhança das lendas nativas com as histórias

bíblicas, como também por alguns rituais. A seguir, apresentaremos alguns trechos bem curiosos de registros históricos que encontramos ao longo de nossa pesquisa.

A criação do mundo — Os nativos peruanos e andinos preservaram relatos bíblicos sobre a Criação do Mundo, Adão e Eva, e sobre Noé e sua mulher: "Isto é o que contam os índios peruanos acerca de sua origem [...]. Do qual, o que podemos vender por verdade é que, sem dúvida, os índios tiveram notícias da Criação do mundo e da formação de Adão e Eva, da Inundação, e de Noé e sua mulher".[1]

Figura 1: Escudo inca, um símbolo que retrata e registra a origem desse povo, mostrando que saíram de uma montanha após o dilúvio.[2]

Alguns conceitos de saúde do Éden bíblico — Aqui percebemos por que os Incas viviam mais de cem anos. Eles comiam pouca gordura e outros alimentos, e casavam-se tarde: "As pessoas particularmente antigas fizeram e aumentaram sua saúde e anos de vida entre 250 e 150 anos; eles duravam tanto porque tinham uma ordem e regras de seguir e criar seus filhos. Quando garotos, não lhes deixavam comer coisa de sebo [gordura animal] ou nada de mel ou pimenta, sal e vinagre, nem lhes deixavam ter meninas, nem dormir com uma mulher até ter cinquenta anos, nem se sangravam e se purgavam [expurgavam, limpavam] todos os meses. Com isso, aumentaram a saúde e a vida".[3]

Figura 2: Capa do livro *El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno*, de uma edição de 2011, porém o desenho é o mesmo da versão original.

Alimentação apenas duas vezes ao dia — Isolados na América, alguns grupos mantiveram os costumes após o dilúvio. A refeição principal era o desjejum, seguido de sucos e líquidos no restante do dia, e um lanche no meio da tarde, exatamente como aconselha a irmã Ellen White: "Era **costume comer pelas manhãs**, e assim todos os nativos desse reino. Os Senhores, depois de terem comido, como digo, **passavam o dia todo bebendo até a noite, que comiam poucas coisas**".[4]

Leis do Antigo Testamento — No trecho a seguir, extraído do livro *Historia General del Perú,* pode-se perceber semelhanças entre as leis dos Incas e as leis levíticas: "Que os da cidade de Cuzco **de forma alguma comessem sangue ou qualquer coisa feita dele**. Os leprosos e aqueles que eram porcos, sujos e nojentos, que os expulsassem do meio do povo, para que não contaminassem a outros

[...]. Ele ordenou que aqueles que derramassem a semente genital [esperma] fossem expulsos da cidade por um mês e, no início do outro mês, retornassem [...], e [...] primeiro entrassem desnudos em água fria e se lavassem. Que as **mulheres [...] andassem acompanhadas e vivessem honestamente**".[5]

Neste trecho é possível perceber que, mesmo antes dos hebreus, o sangue tinha algum significado: "Os pontífices e os sacerdotes das huacas [santuário, templo] sacrificavam e ofereciam uns carneiros, que tinham dedicado para esse fim, brancos, sem mancha ou defeito qualquer".[6]

Notamos também que eles vieram à América logo depois do dilúvio, centenas de anos antes de Abraão.[7] Naquela altura, a Lei já havia sido estabelecida (seja de forma oral ou escrita), e podemos notar isso por meio de sua guarda do sábado:

"Quanto ao terceiro preceito de santificar o sábado, eles tinham suas festas em dias designados, nos quais faziam grandes sacrifícios, e eles descansavam, particularmente no Peru. Os índios Totones, que são da Nova Espanha, estavam obrigados a ir ao Templo **no sábado**, à cerimônia que acontecia lá e ao sacrifício que ofereciam aos seus deuses".[8]

ORIGEN
DE LOS INDIOS
DE EL NUEVO MUNDO,
E INDIAS OCCIDENTALES,
AVERIGUADO CON DISCURSO DE OPINIONES
por el Padre Predicador FR. GREGORIO GARCIA,
de la Orden de Predicadores.
TRATANSE EN ESTE LIBRO VARIAS COSAS, Y PUNTOS
SEGUNDA IMPRESION.
DIRIGIDO
AL ANGELICO DOCT. S.TO TOMAS
DE AQUINO.
CON PRIVILEGIO REAL.

Figura 3: Capa do livro *Origen de los Índios de el Nuevo Mundo, e Indias Occidentales*.[9]

Torre de Babel — Várias tradições similares à da Torre de Babel são encontradas na América Central. Uma em especial relacionada aos Astecas diz que Xelhua, um dos sete gigantes salvos do dilúvio, construiu a Grande Pirâmide de Cholula — na América central — para desafiar o Céu. Os deuses destruíram-na com fogo e confundiram a linguagem dos construtores. No livro *Ophiolatreia,* vemos o seguinte:

"Quando as águas diminuíram, um dos gigantes, chamado Xelhua, apelidado de 'Arquiteto', foi a Cholula, onde, como memorial do Tlaloc, que serviu de asilo para si e para seus seis irmãos, ele construiu uma colina artificial em forma de uma pirâmide. [...] Os deuses viram, com ira, um edifício cujo topo chegava às nuvens. Irritado pela tentativa atrevida de Xelhua, lançaram fogo na pirâmide. Numerosos trabalhadores morreram."[10]

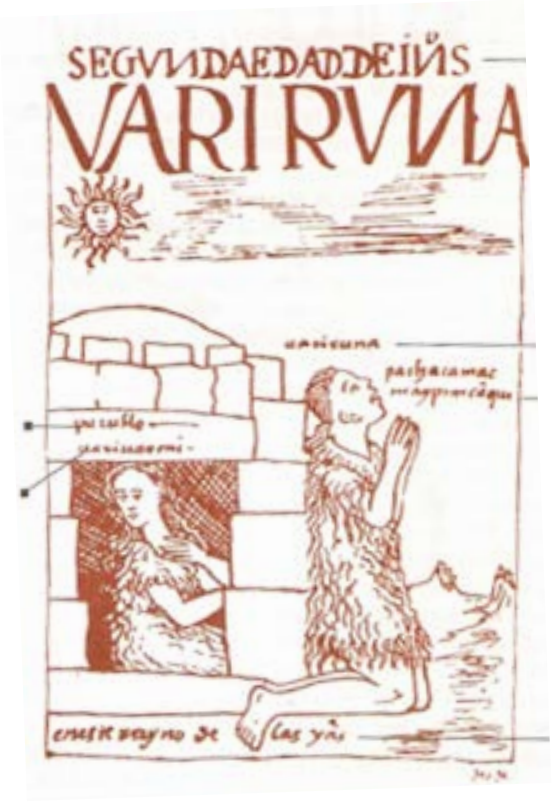


Figura 4: *Segunda Edad* (a vida no segundo milênio após o dilúvio). É curioso que as construções de pedra já estavam em pé. Isso significa que as construções megalíticas não foram obra dos Incas.[11]

"Nobres e senhores, aqui vocês têm seus documentos, o espelho do seu passado, a história de seus antepassados, que, fora de medo de um dilúvio, construíram este lugar de refúgio ou asilo para a possibilidade de recorrer [em caso de] tal calamidade".[12]

Outro relato, atribuído pelo historiador nativo Fernando de Alva Cortés Ixtilxochitl aos antigos Toltecas, diz que as suas línguas foram confundidas e eles foram para diferentes partes da Terra.[13]

O Sol "parou" por mais de 20 horas — Josué 10:12-14 relata um episódio que teria acontecido por volta de 1400 a.C.: "No dia em que o Senhor entregou os amorreus aos israelitas, Josué exclamou ao Senhor, na presença de Israel: 'Sol, pare sobre Gibeão! E você, ó Lua, sobre o vale de Aijalom!' O Sol parou, e a Lua se deteve, até a nação vingar-se dos seus inimigos, como está escrito no Livro de Jasar. O Sol parou no meio do céu e por quase um dia inteiro não se pôs."

O incidente ocorreu nos Andes, situado na América do Sul**,** como um fenômeno oposto, mas similar astronomicamente ao que ocorrera no Oriente Médio. Ao contrastarmos os dois relatos, percebemos que em Canaã (Oriente Médio), o Sol não se pôs por cerca de vinte horas; nos Andes, o Sol não se levantou pelo mesmo período de tempo.[14]

Segundo Montesinos, quando "os bons costumes foram esquecidos e as pessoas se entregaram a todos os tipos de vícios", houve um dia em que "não houve aurora por 20 horas".[15] Depois de grande comoção, confissões de pecados, sacrifícios e orações, o Sol finalmente apareceu.

No livro *Memorias Antiguas Historiales y Políticas del Perú*, encontra-se a seguinte citação: "Nos tempos do rei Titu Yupanqui Pachacuti 'dizem os antigos amautas, [...] que o Sol se cansou de caminhar e se escondeu dos vivos, e como castigo, sua luz sumiu por mais de 20 horas. Os índios gritaram chamando a seu pai, o Sol; fizeram grandes sacrifícios para acalmá-lo, [...] e quando saiu a luz do Sol após as horas mencionadas, lhe agradeceram pelas bênçãos recebidas'."[16]

Houve muitas interpretações desse fenômeno por cientistas. Em um estudo recente, os pesquisadores atribuíram o evento a um eclipse, e acreditam que podem ter identificado a data do mais antigo eclipse solar já registrado.[18] De acordo com eles, "essa interpretação é apoiada pelo fato de que a palavra hebraica traduzida como 'parado' tem a mesma raiz que uma palavra babilônica usada em textos astronômicos antigos para descrever os eclipses". Eles sugerem que o evento tenha ocorrido no dia 30 de outubro de 1207 a.C. — exatamente 3.224 anos atrás.

Figura 5: Um Amauta usando um "quipu"; embora o desenho seja o da versão original, esta imagem foi retirada de uma reedição de 2011.[17]

Para tanto, os pesquisadores interpretaram a palavra hebraica "*dom*" como "tornou-se escura", em vez do que tradicionalmente significava como "ficar parado". Com base nos dados obtidos, eles descobriram que apenas um eclipse aconteceu entre os anos 1500 e 1000 a.C., o que coincide com a chegada dos israelitas ao local onde ocorreu a batalha descrita na Bíblia. Os resultados desse estudo foram publicados na revista *Beit Mikra: Journal for the Study of the Bible and Its World* [Beit Mikra: Jornal para o estudo da Bíblia e do mundo].[19]

Para mim, esse fenômeno foi algo bem diferente, porque nenhum eclipse dura tanto tempo. Além disso, os povos incas tinham conhecimento de tais eventos periódicos. A história não diz que o Sol desapareceu. Apenas afirma que "não houve aurora" por 20 horas. Foi como se o Sol, onde quer que tenha se escondido, tivesse parado. ■

1) A hipótese é que este povo migrou para a América do Sul entre o término do dilúvio e o período abraâmico

2) Há incríveis semelhanças entre as crenças dos antigos Incas e as leis mosaicas

3) O sol não quis nascer por 20 horas, no mesmo dia em que parou sobre a Palestina

---

Referências bibliográficas

1 GARCÍA, Gregorio. *Origen de los indios de el Nuevo Mundo, e Indias Occidentales*. 2ª ed. Colección Fondo Antiguo. Madrid: En la imprenta de F. Martinez Abad, 1729, pp. 334 e 335.
2 POMA DE AYALA, Felipe Guamán. *El primer nueva corónica y buen gobierno*. (1615/1616). Colección: Fondo Antiguo. La Paz: Instituto Tihuanacu de Antropología, Etnografía y Prehistoria, ed. 1941.
3 *Ibidem*, pp. 118 e 119.
4 PIZARRO, Pedro. *Descubrimiento y conquista del Perú, seguida de la relación sumaria acerca de la conquista por el Padre Fr. Luis Naharro, de la Orden de la Merced*. Lima: Impr. y Libr. Sanmartí y Cía. Ed. 1917. Colección: Fondo Antiguo - Porras Barrenechea, p. 31.
5 DE MURÚA, Martín. *Historia general del Perú, origen y descendencia de los incas*. Vol. 1. Colección: Fondo Antiguo — Aurelio Miró Quesada. Madrid: Impr. Don Arturo Gongora, 1962, [Fol. 247], p. 90.
6 *Ibidem,* [Fol. 256], p. 104 [grifo nosso].
7 Nos próximos artigos desta série você encontrará explicações que ampliam e confirmam esta declaração. Não deixe de acompanhar as próximas edições.
8 GARCÍA, Gregorio. *Op. Cit.,* p. 114 [grifo nosso].
9 *Ibidem.*
10 JENNINGS, Hargrave. *Ophiolatreia: An Account of the Rites and Mysteries Connected With the Origin, Rise and Development of Serpent Worship* [Uma narrativa dos ritos e mistérios conectados à origem, ascensão e desenvolvimento da adoração da serpente]. Capítulo 6. Privately Printed, 1889, p. 63. Disponível em: <http://bit.ly/2FEJPCM>. Acesso em 28 fev. 2018.
11 Nos próximos artigos desta série você encontrará explicações que ampliam e confirmam esta declaração. Não deixe de acompanhar as próximas edições.
12 NUTTALL, Zelia. *The Fundamental Principles of Old and New World Civilizations* [Os princípios fundamentais das civilizações do Mundo Antigo e do Novo Mundo]. Vol. 2. Cambridge, Mass.: Peabody Museum of American archaeology and ethnology, 1901, p. 269. Disponível em: <http://bit.ly/2F2mnhE>. Acessado em 28 fev. 2018.
13 IXTILXOCHITL, Fernando de Alva Cortés. *Historia de Chichimeca*. 1640.
14 SITCHIN, Zecharia. *The Lost Realms*. Livro 4 da série de Crônicas da Terra. Harper Collins, 1990, capítulo 7: "o dia em que o Sol parou".
15 MONTESINOS, Fernando de. *Memorias antiguas historiales y políticas del Perú*. Madrid: Impr. de M. Ginesta, 1882. Esta primeira obra foi copiada de um manuscrito do ano 1644, que se encontra na Biblioteca da Universidade de Sevilla, e cujo título é: "Ophir de España; mémorias historiales políticas del Pirv".
16 *Ibidem,* pp. 57 e 58.
17 POMA DE AYALA, Felipe Guamán. *Op. Cit.*
18 HUMPHREYS, Colin; WADINGTON, Graeme. *Solar eclipse of 1207 BC helps to date pharaohs* [Eclipse solar de 1207 a.C. ajuda a datar faraós]. Astronomy & Geophysics 2017; 58(5):5.39–5.42.
19 *Ibidem.*

O DESAFIO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Parte 1

Botiatuba, Paraná
Alexandre de Araújo

A Associação Torre de Vigia [outro nome das Testemunhas de Jeová] representa um desafio para os cristãos, e é um campo missionário pouco explorado

Quem segue pela rodovia Castelo Branco (no Estado de São Paulo) em direção ao interior, vai notar, à esquerda da estrada, quando chegar à entrada da cidade de Cesário Lange, em uma colina próxima, um conjunto de prédios escondidos em meio às árvores, que lembra um campus universitário. Na verdade, se trata da sede nacional das Testemunhas de Jeová. Há alguns anos, fui convidado para fazer uma conferência no templo reformista daquela localidade e aproveitei a sexta-feira pela manhã para visitar aquele complexo. Acompanhado por alguns irmãos, fomos muito bem recebidos. Um rapaz, que ainda não tinha chegado à casa dos 30 anos, serviu de guia.

Naquela manhã, vários ônibus estavam estacionados no pátio, e grupos de visitantes circulavam por ali. É uma prática comum entre as Testemunhas de Jeová organizar excursões para visitar Betel— o nome que usam para se referirem àquele lugar. Tivemos a oportunidade, na ocasião, de conhecer um pouco o seu funcionamento. Ali está estabelecido um dos doze parques gráficos que a Associação Torre de Vigia (ATV)[1] — razão social desse movimento —, mantém no mundo, e que imprime suas publicações. A literatura produzida ali é impressa em vários idiomas além do português. O parque gráfico é um dos mais modernos de nosso País.

Naquele belo lugar vivem cerca de 1 300 pessoas. Todas são voluntárias. Recebem apenas uma subvenção, a título de ajuda de custo. Essa mão de obra dedicada, capacitada e barata garante a produção da sua literatura a um preço bem reduzido. A colônia funciona nos moldes do kibutz israelita[2], e é quase autossuficiente. Ali há lavanderia, salão de cabeleireiro e até médicos de plantão para atenderem a qualquer emergência. À noite, após o expediente, as pessoas podem ir à academia ou praticar algum esporte nas quadras do complexo. Betel lembra uma colmeia, onde cada membro tem seu lugar e função. A estrutura toda é extremamente limpa e organizada. O jardim é impecável e não se vê uma revista fora do lugar nos seus salões.

No conjunto de prédios, há apartamentos que são usados pelos residentes em Betel. Todos são iguais, e têm móveis embutidos e cozinhas funcionais. Não há crianças no lugar. Os casais que vivem ali não podem ter filhos. Caso isso ocorra, são convidados a se retirarem. Muitos casais de idosos, que têm filhos já criados, também se candidatam para trabalhar ali. Ser um *belemita*, como se chamam os que vivem no local, é o sonho de muitas Testemunhas de Jeová. Por isso, é possível encontrar pessoas de diversas partes do mundo trabalhando na comunidade. De fato, o lugar foi planejado para reproduzir o paraíso restaurado na Terra após o Armagedom, de acordo com a visão da seita.

A fazenda produz a maior parte dos alimentos que consome. Há uma plantação onde cultivam frutas e verduras, além de várias cabeças de gado, que são abatidas para consumo próprio. O refeitório pode servir 600 refeições ao mesmo tempo, e a cozinha industrial impressiona pela limpeza e funcionalidade. Oferecem-se ali três refeições diárias bem equilibradas aos moradores.

Mesmo trabalhando para uma empresa da organização, nos fins de semana os belemitas saem de dois em dois para bater à porta das pessoas da vizinhança e oferecer estudos bíblicos. Mas isso não é um trabalho desenvolvido só por aqueles dedicados obreiros. Todos os membros e interessados do movimento se envolvem, de alguma forma, no trabalho de disseminação da sua doutrina. Por quê? Como eles conseguem tal nível de engajamento missionário? Afinal, quem são as Testemunhas de Jeová? Qual é a origem desse grupo? No que creem e o que ensinam?

Afinal, quem são eles?

Quem já visitou Nova York, passando pela ponte do Brooklyn, podia observar ao lado um conjunto de cinco prédios com um gigantesco letreiro luminoso que dizia *Watchtower*. Até o ano de 2016, essa era a sede mundial das Testemunhas de Jeová. Desde o início de 2017, o quartel general mudou-se para o interior do estado de Nova York, na pequena cidade de Warwick. Ela é registrada como *Associação Torre de Vigia* (ATV), mas é conhecida mundialmente pelo nome de Testemunhas de Jeová.

Até o quinto presidente deles, seu líder exercia o cargo de forma vitalícia. Hoje o grupo é administrado pelo Corpo Governante, um colegiado composto por um número variável entre 9 a 14 membros. Segundo creem, é através dele que Jeová expressa Sua vontade na Terra. Ele é o "Escravo Fiel e Discreto", dirigido pelo Espírito Santo.

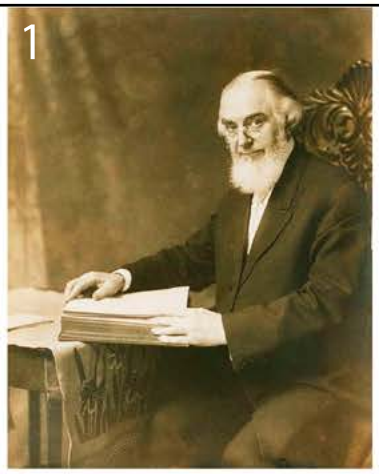
"A organização visível de Deus hoje também recebe orientação e direção teocráticas. Na sede [...] existe um Corpo Governante de anciãos cristãos de várias partes da Terra, que dão a necessária supervisão às atividades mundiais do povo de Deus. Esse Corpo Governante é composto de membros do Escravo Fiel e Discreto. Serve qual porta-voz do escravo fiel."[3]

O começo de tudo

O fundador do movimento, Charles Taze Russel, nasceu em Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, em 16 de fevereiro de 1852. Era um dos três filhos de Joseph L. Russel e Anna Eliza Birney. Sua família seguia a fé presbiteriana. Quando adolescente, Russell resolveu deixar a igreja da família para se unir à Igreja Congregacional, por achá-la menos exigente. Como o pai tinha uma rede de lojas masculinas, Russell tornou-se sócio dele aos 15 anos, e aos 25 foi promovido a gerente geral da rede. Aos 16, Russel sofreu uma crise de fé após debater com um amigo descrente sobre a questão do tormento eterno. A discussão abalou sua fé na Bíblia como Palavra de Deus.

Durante um ano, dedicou-se a estudar as religiões orientais, até que uma noite, quando voltava do trabalho a pé, assistiu, por curiosidade, uma reunião liderada por Jonas Wendell, líder de um grupo dissidente do adventismo. O contato com esse pregador, com quem estudou a questão anímica[4], restaurou sua fé nas Escrituras.

Apesar de defenderem crenças bastante incomuns, muitos ensinos jeovistas têm relação com o Movimento Adventista. Essa proximidade doutrinária era admitida pelo próprio Russel. No terceiro volume da série escrita por ele, *Estudos nas Escrituras*, *Thy Kingdom come* [Seu reino vem], à p. 86, Russel confessa: "Mas o movimento de Miller era mais do que isso: era o começo da correta compre-



1) Charles Taze Russel, o fundador do movimento | 2) Joseph Rutherford, segundo presidente mundial das Testemunhas de Jeová (1911)
3) Sede mundial das Testemunhas de Jeová, no Brooklyn, em Nova York, até 2017

ensão das visões de Daniel, e o tempo certo para o cumprimento da profecia". Um pouco antes, na mesma página, ele escreveu: "Reconhecemos que o movimento [de Miller] foi segundo a ordem de Deus. [...] Sem dúvida, foi da providência divina".

Além da questão anímica e do não envolvimento com a política e a guerra, os jeovistas revelam marcas da influência adventista em várias explicações proféticas e doutrinárias. Eles entendem as profecias em geral, e especialmente as do Apocalipse, como tendo um cumprimento histórico. Em certo sentido, são historicistas[5]em sua escatologia. Contudo, o Corpo Governante exagera na dose e aplica cada detalhe profético à história da organização.

Outra interpretação relacionada à teologia adventista é a questão da vinda de Cristo. No começo do movimento, definiram-na como ocorrendo em 1874. Como a profecia não se cumpriu, a explicação para o desapontamento foi entender que a segunda vinda de Cristo era invisível. Cristo governaria a partir do Céu, até que em 1914, com o fim dos 40 anos da colheita, ocorreria o Armagedom, e as fiéis Testemunhas iriam para o Céu. Esse foi o ensino oficial até o início da década de 1930, quando o segundo presidente do movimento — o juiz Joseph Rutherford — redefiniu as datas. Assim, ele riscou dos registros históricos da organização a data de 1874 e determinou o ano de 1914 como a época da segunda vinda do Senhor. Hoje, as Testemunhas de Jeová ignoram essa mudança. Os novos adeptos são ensinados que, desde o início, a única data marcada foi 1914. Portanto, Cristo veio de forma invisível naquele ano e deve concluir a Sua obra com o Armagedom, que irá ocorrer num futuro incerto. Isso não lembra o ensino adventista do Juízo Investigativo iniciado em 1844? A semelhança em alguns pontos não é mera coincidência.

Além disso, as Testemunhas de Jeová são conhecidas pelo seu antitrinitarianismo[6] ferrenho. Não devemos nos esquecer de que a maior parte dos pioneiros adventistas também tinha dificuldades de entender essa doutrina.

As Testemunhas também são antimilitares e objetores de consciência. Por essas questões, podemos perceber que, até certo ponto, existe uma íntima relação teológica e doutrinária entre o grupo liderado por Russel e o pioneiro Movimento Adventista.

Desde o início, Russel acreditou no poder da página impressa para divulgar seus ensinos e aumentar o número de seus seguidores. A conhecida revista *A Sentinela* começou a circular em 1879. As primeiras edições tinham oito páginas e uma tiragem de seis mil exemplares. No começo, circulava uma vez por mês, mas hoje é publicada a cada 15 dias. Um número é usado nas reuniões do Salão do Reino, como são chamados os lugares de culto deles, e a outra edição é usada como material para proselitismo[7]. Hoje, *A Sentinela* tem uma tiragem de cerca de 60 milhões de exemplares, e é publicada em 350 idiomas.

Outra publicação famosa do grupo é a revista *Despertai!* A primeira edição foi publicada em 1º de outubro de 1919, intitulada *The Golden Age* (*A Idade de Ouro*). O objetivo da publicação era alcançar o público em geral e não apenas os leitores regulares dos periódicos da Associação Torre de Vigia. Na edição de 6 de outubro de 1937, o título foi mudado para *Consolation* (*Consolação*). Eles fizeram isso por conta do que estava acontecendo com o mundo na época anterior à Segunda Guerra Mundial. A partir da edição de 22 de agosto de 1946, adotou-se o título atual, *Awake!* (**Despertai!,** em português). Durante muitos anos, a revista circulou de 15 em 15 dias. Desde janeiro de 2006, passou a ter circulação mensal. Hoje ela contém 16 páginas e é distribuída bimestralmente em mais de 121 idiomas, com uma

tiragem média de 60 250 000 exemplares, sendo a segunda revista mais distribuída do mundo.

No aspecto gráfico, tanto as revistas *A Sentinela* e *Despertai!*, assim como as demais publicações da Torre de Vigia, passaram por um processo gradual de modernização gráfica.

Crescimento e expansão

Atualmente, as Testemunhas de Jeová têm quase 8,3 milhões de seguidores no mundo, e atuam em 240 países e territórios. Com quase 830 mil membros ativos, o Brasil possui o seu terceiro maior rebanho, perdendo apenas para os Estados Unidos, onde surgiram, e para o México. Nos últimos 40 anos, têm tido um excepcional crescimento em nosso País. Com base nos dados estatísticos publicados ao fim de cada ano na revista *Sentinela*, no período entre 1980 e 2007, podemos constatar que têm dobrado o número de membros a cada dez anos aqui. Seu trabalho começou no Brasil em 1922. Em 1980, tinham 113 mil publicadores. Em 1990 eram 266 mil, e na virada do milênio já somavam 534 mil pregadores regulares. Segundo o *Anuário das Testemunhas de Jeová*, em 2007 eles totalizaram 656 000 fiéis.[8]

Esses dados se referem apenas ao número de publicadores que participam ativamente do trabalho de campo. Isso inclui os publicadores batizados e não batizados. Segundo informações fornecidas pela própria organização, em 2016 eles deram 10 115 264 estudos doutrinários por mês. Destes, 264 535 pessoas se tornaram novos membros batizados ao longo daquele ano. A taxa de crescimento anual em nosso País gira em torno dos 1,8%.

Esse impressionante crescimento causa ainda mais impacto quando nos lembramos de que a Associação Torre de Vigia *não tem, no quadro de seus obreiros, pessoas assalariadas*. Todo o trabalho é voluntário. Além disso, nas suas estatísticas, só levam em consideração os membros ativos, ou seja, aqueles que fazem o trabalho de visitação no campo, dão estudos e preenchem o relatório mensal de serviço. Os membros inativos não entram nessas estatísticas. As Testemunhas de Jeová fazem um trabalho de formiga operária, disseminando seus ensinamentos.

Conversões e dissidências

Ao longo de sua história a Associação Torre de Vigia tem colecionado deserções importantes, mas nenhuma produziu impacto maior do que a apostasia de Raymond Franz, sobrinho do quarto

Desde o início, Russel acreditou no poder da página impressa para divulgar seus ensinos e aumentar o número de seus seguidores. A conhecida revista A Sentinela começou a circular em 1879. As primeiras edições tinham oito páginas e uma tiragem de seis mil exemplares. No começo, circulava uma vez por mês, mas hoje é publicada a cada 15 dias. Um número é usado nas reuniões do Salão do Reino, como são chamados os lugares de culto deles, e a outra edição é usada como material para proselitismo[7]. Hoje, A Sentinela tem uma tiragem de cerca de 60 milhões de exemplares, e é publicada em 350 idiomas.

presidente das Testemunhas de Jeová, Frederick Franz. Nascido em um lar jeovista, foi missionário no Caribe por 20 anos. No início dos anos 1970 foi convidado a trabalhar como redator na sede mundial do movimento. Enquanto estava na função, foi convocado para auxiliar, ao lado de mais quatro pessoas, no preparo de um dicionário bíblico para a seita, o qual foi publicado em português em quatro volumes, sob o título *Ajuda para o entendimento da Bíblia*[9].

Com a colaboração de alguns auxiliares, passou meses pesquisando assuntos nas bibliotecas públicas de Nova York. Chegando ao item *Cronologia*, esbarrou num dilema doutrinário. Na literatura e ensino da seita, o ano da destruição da cidade de Jerusalém pelos exércitos babilônicos era apontado como 607 a.C. Essa data é fundamental na teologia jeovista, pois definem os sete anos de reclusão de Nabucodonosor (Daniel, cap. 4) como sendo um período profético de 2 520 anos, com o marco inicial em 607 a.C. A data final seria 1914, o ano definido como a data da vinda invisível de Cristo. Se a data inicial da contagem estiver errada, toda a estrutura doutrinária da seita implode.

Ao pesquisar sobre esse ponto e procurar por um documento histórico que confirmasse essa interpretação, Raymond ficou profundamente decepcionado. Ele não encontrou nenhum historiador que confirmasse essa data. Todos eram unânimes em apontar uma época 20 anos no futuro. A queda da cidade santa, conforme os documentos históricos, aconteceu no ano de 587 a.C. A descoberta dessa fraude histórica afetou a fé de Raymond Franz na organização. Naquele momento, pediu exoneração de seu cargo, pois não poderia mais continuar dedicando a vida em favor da expansão de um grupo religioso que não era honesto com seus seguidores. No fim, ele e sua esposa Cynthia foram dissociados (excluídos) da organização.

Sua "apostasia" atraiu enorme atenção, tanto das próprias Testemunhas de Jeová quanto do público em geral. Isso levou a revista americana *Times* a publicar uma matéria sobre o acontecimento (confira na *Times* de 22 de fevereiro de 1982, p. 66). Devido ao volume de correspondências que ele recebeu na época, Franz decidiu escrever um livro que apresentasse uma explicação documentada sobre o que realmente havia acontecido. A obra chamou-se *Crise de consciência* (publicada em inglês em 1983, e em português, pela editora Hagnos, em 2002. A obra foi relançada em janeiro deste ano, nos EUA, em sua quarta edição, com quase 800 páginas[10]).

Campo missionário

Em geral, os cristãos evitam conversar sobre temas religiosos com as Testemunhas de Jeová. Não queremos julgar os motivos, mas o aparente conhecimento bíblico dos jeovistas assusta muito os crentes que não têm sido tão dedicados ao estudo teológico. As Testemunhas são preparadas para serem missionários bem-sucedidos, pois têm acesso fácil ao material publicado pela organização por conta do seu preço irrisório. Esse material não é vendido; o membro contribui com uma oferta para cobrir os custos de publicação. Além disso, a maior parte das reuniões do Salão do Reino é baseada no estudo desse tipo de literatura. Por fim, há uma reunião semanal, chamada de Escola Teocrática, que treina os seguidores da seita nos meandros da apologética. Eles simulam debates com adversários de suas doutrinas, e encenam contatos com pessoas que não tem nenhum tipo de interesse por religião. Em geral, a Testemunha dedicada é capaz de explicar as razões de sua fé sem maiores dificuldades para qualquer pessoa.

As crianças e jovens ligados às Testemunhas de Jeová não têm classes especiais de estudo bíblico. Elas participam ativamente das reuniões de estudo e são estimuladas a lerem o material publicado pela organização. É comum ver pré-adolescentes e adolescentes saírem com um adulto que os monitoram, para visitar a vizinhança e pregar as doutrinas que ensinam. Muitas vezes, quem dirige o diálogo é o jovem, que é apenas supervisionado pelo membro mais velho. Apesar desse preparo todo, *eles perdem em média um milhão de adeptos por década*. Esse número *é reposto de forma rápida pelo trabalho de proselitismo que fazem*.

As Testemunhas de Jeová representam um campo missionário a ser explorado: um grande desafio para o cristão comprometido. Apesar de crermos que há muitas pessoas sinceras nesse movimento religioso, também cremos que a sinceridade, em si, não salva ninguém. Estar sinceramente errado significa *estar completamente perdido*. As Testemunhas de Jeová são almas por quem Cristo morreu, e precisam conhecer a salvação oferecida por Ele. É muito triste ver pessoas tão dedicadas à religião incluídas no grupo dos perdidos.

Os seguidores da Torre de Vigia levam muito a sério o seu proselitismo. Em média, um interessado recebe estudos que podem durar entre seis meses e dois anos antes de ser convidado ao batismo. Quando alguém resolve entrar nesse grupo, já está bem embrenhado em suas crenças. Além disso, eles têm uma armadilha psicológica que dificulta a saída de qualquer membro do grupo. Ex-membros afirmam

que não há uma forma honrosa de deixar a Torre de Vigia. Quando alguém é desligado, seus parentes e amigos que permanecem no movimento são instruídos a cortar toda a relação com essa pessoa. Geralmente, quando alguém se une a eles, tende a se isolar do mundo, e do mesmo modo, quando se afasta, acaba sozinho e abandonado. Eles afirmam que é uma forma de disciplinar a pessoa, mas na prática é uma prisão psicológica difícil de ser rompida, e que escraviza a mente de quem questiona os ensinos da organização.

Por tudo isso, é preciso ter paciência quando se quer evangelizar um adepto da Torre de Vigia. Ele tem uma forma cíclica de pensar, que está condicionada mentalmente ao que a organização ensina. Funciona assim: Quem tem a verdade? *A Associação Torre de Vigia*. E quem diz que essa denominação é o povo de Deus? *A própria associação, pelo fato de professar ter a verdade*. É difícil quebrar os elos dessa forma de pensar.

Por experiência própria, sabemos que é necessário muito tempo e esforço para poder refutar todos os argumentos falaciosos que eles apresentam durante um estudo. E mesmo assim, não há garantia de que seremos bem-sucedidos nessa empreitada. Baseados no testemunho de ex-adeptos desse grupo, nosso esforço deve se concentrar em abalar a confiança que eles têm no ensino do Corpo Governante. Se pudermos mostrar os ensinos contraditórios da Torre de Vigia de forma clara e direta, é possível que se abra uma brecha nessa muralha quase intransponível por onde possamos ensinar o evangelho de Jesus Cristo e levá-los a uma experiência de salvação. ■

COMO EVANGELIZAR AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Se você se sente chamado por Deus para evangelizar esse grupo religioso, vamos dar algumas dicas que podem ser úteis na sua preparação para esse ministério. Existem atitudes que você deve assumir antes, durante e após o encontro com eles.

ANTES DO CONTATO

1. Vá ao encontro deles. Não espere que uma Testemunha bata à sua porta. Se você souber de alguém que está estudando ou que seja membro dessa organização, procure conversar sobre a Bíblia com essa pessoa. Mas nesse primeiro contato, não ataque as crenças dela, para não assustar um possível interessado.

2. Conheça o que você crê. Segundo estudos do *Instituto Cristão de Pesquisas* (ICP), cerca de 40% dos membros das Testemunhas são ex-evangélicos. As pessoas que conhecem pouco aquilo em que creem são vítimas fáceis da obra deles. Quando uma Testemunha se sente acuada, costuma mudar de um assunto para outro que lhe seja mais familiar. Por isso, durante o estudo, é fácil mudar de assunto diversas vezes. Você não precisa cair nessa armadilha, mas é importante saber no que crê e revelar sólido conhecimento doutrinário. Em geral, eles se assustam quando encontram pessoas que sabem defender sua fé. *"Apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina, e de refutar os que se opõem a ela"* (Tito 1:9 — Nova Versão Internacional).

3. Combine quantos encontros de estudo você terá com a Testemunha de Jeová. Quando a pessoa que você estiver evangelizando perceber que está perdendo terreno, irá querer parar de estudar ou desejará trazer outra Testemunha mais experiente. Por isso, combine quantos estudos irão fazer para que ela fique comprometida com você e não venha a desistir no meio do caminho.

4. Ore antes, durante e depois do encontro. Você está envolvido em uma guerra espiritual e não vai ser fácil tocar o coração do seu oponente. Ore a todo o momento, mas não peça para orar com ela nos primeiros contatos. Elas são ensinadas a não orar com quem não faz parte da Torre de Vigia.[11] Para evitar constrangimentos, não a convide para uma oração. Contudo, tão logo se tenha mostrado sensível, convide-a para orar.

DURANTE O ESTUDO COM A TESTEMUNHA DE JEOVÁ

1. Use material visual. As Testemunhas são treinadas para espiritualizarem as passagens bíblicas. Para elas, é difícil ver de forma concreta o que para você está tão claro na Bíblia. Por isso, quando for mostrar que a Grande Multidão está no Céu, seria adequado usar um quadro ou uma maquete do Templo de Salomão. Faça com que ela leia em sua própria Bíblia as passagens que vocês estão estudando. Mostre as cópias dos documentos que você está usando em seu estudo. Isso irá fixar na mente dela aquilo que você quer dizer.

2. Não fuja do tema proposto para o estudo. Como dissemos acima, quando a Testemunha não tem mais argumentos para defender seu ponto de vista, ela irá mudar para outro tema. Evite cair nesse truque. Não mude de assunto, a menos que tenha certeza de que ela entendeu tudo que você quis dizer. Como isso vai levar um tempo, não tenha pressa. Quando o tema se esgotar, marque outro encontro para debater outro assunto.

3. Tenha paciência. Nenhuma Testemunha aceitará o que você está tentando ensinar no primeiro estudo. Exigirá muito esforço e trabalho limpar a mente dela de todas as heresias que acumulou durante os anos.

4. Foque seu estudo em Cristo. Você não está estudando com uma Testemunha para provar que conhece a Bíblia ou com o objetivo de humilhá-la. Você a ama e quer que conheça a verdade que liberta. Caso esteja preocupado apenas em impressionar ou ganhar o debate, você poderá até vencer a batalha, mas terá perdido a guerra. As Testemunhas são ensinadas a não desejar nascer de novo, pois o novo nascimento é reservado apenas para os 144 mil. Por isso são pecadores perdidos que precisam ser apresentados a Cristo e a Este crucificado. Tocada pelo Espírito Santo, essa alma poderá se converter, mas apenas se puder enxergar claramente o caminho da salvação. Tão logo seja possível, leve a Testemunha a um encontro com Jesus. Para isso, dê o seu testemunho pessoal da obra que o Salvador fez em sua vida. Nenhum argumento pode refutar essa experiência, desde que seja real. Você quer ganhar a Testemunha para Cristo, ao invés de torná-la uma mera seguidora de seu instrutor.

5. Dependa do Espírito Santo. Esteja em sintonia com o Espírito de Deus para que Ele conduza o seu estudo. Se você deixar que o Espírito dirija a reunião, você terá a sensibilidade de parar ou avançar conforme a guia dEle. É Ele quem converte do pecado, e não os argumentos ou o conhecimento que você possui.

6. Use a Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (TNM) durante o estudo. É mais adequado usar a versão da Bíblia publicada por eles, pois apesar dos erros de tradução que possuem, as Testemunhas de Jeová confiam nela, ao passo que veem com desconfiança as demais traduções da Bíblia. O impacto sobre elas será maior se perceberem que a própria Bíblia da Torre de Vigia nega várias doutrinas que a organização ensina.

7. Adie ao máximo possível o encontro com o Ancião do Salão do Reino. Deixe para ter esse estudo apenas quando você perceber que a pessoa está começando a duvidar do que o Corpo Governante ensina. Antes desse momento, o estudo não será produtivo, e você estará expondo o interessado ao constrangimento de confessar que não crê mais no que a organização ensina. Como isso irá repercutir na vida da Testemunha, pode ser que ela ainda não esteja pronta para tomar essa decisão, e você pode perder uma alma promissora.

APÓS O ESTUDO

1. Deixe com a Testemunha um material de apoio sobre o tema estudado. Não deixe o material todo, mas apenas aquele que você usou durante o estudo para que ela recapitule o que aprendeu até o próximo encontro.

2. Continue o trabalho de discipulado com a ex-Testemunha. Após ela ter confessado a Cristo, não pense que seu trabalho com essa alma está concluído. Nesse primeiro momento, ela ainda terá contato com amigos e parentes que fazem parte da organização, e eles também podem ser despertados para o evangelho. Após algum tempo, não terão mais nenhum contato com o ex-adepto da Torre de Vigia, pois são proibidos pelo Corpo Governante até mesmo de cumprimentar um "apóstata".
Outra coisa: após ser desassociada, ela se sentirá muito solitária. É preciso muito cuidado com as necessidades espirituais desse recém-nascido em Cristo. Não aumente o seu sofrimento abandonando-a à própria sorte, como se já fosse uma pessoa madura em Cristo (o que ainda não é).

3. Dê boa literatura cristã a ela. Durante muito tempo, ela só leu obras publicadas pelo Corpo Governante. Manter o hábito de leitura é muito saudável, mas agora com literatura que irá fazê-la crescer na graça.

Há trabalho a ser feito antes, durante e depois em favor das Testemunhas de Jeová. Lembre-se das palavras do Senhor Jesus: *"Erguei os vossos olhos e observai os campos, que estão brancos para a colheita"* (João 4:35 ú. p.).

Não perca, na próxima edição, no segundo artigo desta série:
Você receberá uma descrição detalhada das crenças fundamentais das Testemunhas de Jeová, e entenderá o ponto de vista e a forma como veem as principais doutrinas bíblicas.

Referências bibliográficas

1 Costumeiramente a organização das Testemunhas de Jeová era conhecida como Sociedade Torre de Vigia, mas devido a mudanças no código civil brasileiro, desde 2003 eles estão registrados em nosso país como Associação.
2 Criados em 1910 na sociedade israelense, os *kibutz* são agrupamentos em que funcionam comunidades com as seguintes características: atividades agrícolas, propriedades coletivas, igualdade social, meios de produção próprios, distribuição da produção para a comunidade e prioridade à educação das crianças.
3 Poderá viver para sempre no paraíso na Terra, ed. 1989, p.195.
4 Questão relativa à alma. Do latim *anima = alma.*
5 Por historicistas queremos dizer que eles interpretam as profecias do Apocalipse como se cumprindo ao longo da história da igreja. É o mesmo método usado pelo movimento adventista, embora as interpretações e datas tenham profunda diferença entre si.
6 Antitrinitarianismo: Posição teológica contrária ao ensino da Trindade, que não aceita a existência de um Deus Trino, na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo como manifestações da mesma divindade.
7 Proselitismo: Atividade ou esforço de fazer prosélitos, de angariar novos seguidores; catequese, apostolado.
8 PIMENTEL, Paulo. *Testemunhas de Jeová no Brasil*. Jornal Desafio das Seitas, 3º/trim. 2006, p. 12.
9 Mais tarde, por conta da "apostasia" de Raymond Franz, a Organização republicou esse dicionário com um novo título: *Estudo Perspicaz das Escrituras*, editado em três volumes em português, mas em dois em inglês. Eles fizeram isso para não ligar uma importante publicação teológica deles com o trabalho de um apóstata. Contudo, a maior parte do material é idêntica ao da edição anterior, e muitos artigos do dicionário não sofreram nenhuma alteração.
10 Se alguém tiver interesse em adquirir o livro em inglês por preço acessível, no momento da produção deste artigo, a edição mais recente estava sendo vendida em e-book na *Amazon.com* a R$ 24,99, preço já convertido em reais. Confira: <http://amzn.to/2FjnrSz>. Acesso em 7 mar. 2018.
11 No manual de orientação e treinamento missionário usado no trabalho de campo, quando colocados diante dessa situação eles são instruídos a agirem da seguinte forma: "Se alguém disser: 'Ore junto comigo primeiro, depois fale sobre o assunto que gostaria de falar'. [...] Ou poderá dizer: 'Sei que representantes de alguns grupos religiosos fazem isso. Mas as Testemunhas de Jeová, não [...]'." – *Raciocínios à base das Escrituras*, p. 270.

JOHN WESLEY, O TIÇÃO TIRADO DO FOGO

Seu ministério salvou a Inglaterra de uma revolução tão sangrenta quanto a que aconteceu na França

Botiatuba, Paraná Alexandre de Araújo

John Wesley nasceu em 17 de junho de 1703. Era filho de Samuel Wesley, pastor anglicano, e Suzanna Wesley. O casal teve 19 filhos, e ele era o 15º. Com uma prole tão numerosa, é natural entender por que a família tinha sérias dificuldades financeiras. Apesar da influência do pai, quem mais marcou a vida desse homem de Deus foi sua mãe. Mesmo tendo de levar uma vida atarefada, pois tinha de cuidar de uma família tão numerosa, sempre que um filho completava cinco anos, Suzanna tirava um dia para ensiná-lo nas letras do alfabeto. No dia seguinte, a criança começava a praticar a leitura, começando com o primeiro versículo da Bíblia.

Quando John tinha cinco anos e meio, aconteceu uma tragédia em seu lar. Era meia-noite quando a família foi despertada com os gritos: "Fogo! Fogo!". A babá só teve tempo de tirar o bebê Charles do berço. O pequeno John foi o único que não despertou quando as chamas começaram a consumir a casa. Depois de tentarem, sem sucesso, salvar o filho, seus pais e irmãos se reuniram no gramado em frente à residência para orarem em favor do menino. Em meio ao burburinho, ele despertou e subiu em um baú que estava junto à janela. O quarto ficava no segundo andar. Para alcançá-lo, os vizinhos improvisaram uma escada humana. Um homem subiu nos ombros do outro, que por sua vez serviu de escada para um terceiro até alcançarem o lugar onde estava a criança. Quando ele finalmente foi resgatado, sua mãe o abraçou, e a partir daquele dia em diante, passou a chamá-lo carinhosamente de "tição tirado do fogo".[1]

Aos 13 anos, John ingressou na Charterhouse, uma das melhores escolas particulares da Inglaterra, com o apoio do Duque de Buckinghan. Além de correr três vezes por semana, ele se esforçava por acordar todos os dias às 4 horas, costume que manteve a vida toda. Logo se destacou como estudante, e por isso recebeu uma bolsa de estudos

para cursar a Universidade de Oxford, com apenas 16 anos. Ali, aprendeu latim, grego, hebraico e francês. Formou-se aos 21, e concluiu o seu mestrado em artes aos 24. Como era um aluno brilhante, foi convidado para ser tutor de grego e filosofia enquanto fazia seu curso superior.

Com apenas 22 anos, foi ordenado presbítero da igreja Anglicana, e durante um ano auxiliou o pai no ministério em Epworth, em Lincolnshire, Inglaterra. Depois dessa experiência pastoral, regressou para Oxford para ser professor. Nessa época, se uniu ao grupo de devoção fundado por seu irmão Charles, no campus universitário.

Essa sociedade fraterna tinha hábitos devocionais muito rígidos. Além de assumir o compromisso de levarem uma vida santa, seus membros jejuavam duas vezes por semana, às quartas e sextas-feiras. Eles se reuniam todos os dias para orar e passar três horas estudando as Escrituras e livros cristãos. Além disso, participavam uma vez por semana da Ceia do Senhor, e visitavam os presídios e hospitais da cidade para pregar o evangelho. Em 1733, George Whitefield, nascido em Gloucester, em 1714, e estudante de Oxford, se tornou membro do grupo.

Por ser o único ministro ordenado do grupo, John logo se tornou o seu líder. As pessoas que criticavam tal zelo chamavam o grupo de *Metodistas*, porque seus membros eram muito disciplinados e metódicos em seus hábitos devocionais.

Em 1735, John Wesley foi convidado pelo general James Oglethorpe, governador de uma das treze colônias inglesas da América do Norte, para ser ministro de uma congregação formada por colonos em Savannah, Georgia, e para evangelizar os índios. Naquele mesmo ano embarcou para o Novo Mundo. Na mesma embarcação estava um grupo de pietistas[2] morávios[3] que impressionaram o jovem pregador pela serenidade que manifestaram durante uma terrível tempestade que acometeu a embarcação naquela viagem. Enquanto os demais passageiros gritavam de terror, aquele grupo de crentes cantava hinos. Essa atitude acalmou a todos. Quando a bonança chegou, eles comentaram com John que a fonte da sua tranquilidade era a confiança que mantinham no amor de Jesus Cristo.

Quando começou a trabalhar em sua pequena congregação, John conheceu o morávio August Spangenberg, que lhe desafiou ao perguntar se tinha o testemunho interior do Espírito Santo, ou seja, se tinha certeza de sua salvação. Ele tentou se explicar e apresentou argumentos teológicos para a pergunta, mas a verdade é que ele não sabia a resposta.

Após pouco mais de dois anos na América, por conta de problemas que não soube resolver com sabedoria em sua congregação, John retornou para a Inglaterra convencido de que tinha falhado como pastor. De volta à pátria, fez amizade com outro morávio, Peter Böehler, que acabou se tornando seu mentor espiritual. Peter lhe falou da mensagem da justificação pela fé e da certeza da salvação. Convencido de que não possuía a verdadeira fé salvadora, John resolveu abandonar o púlpito. Contudo, Böehler lhe aconselhou "a pregar a fé até que a tivesse, e que, quando a tivesse, deveria continuar a pregá-la justamente por que a tinha".[4]

Na mesma época, em 17 de maio de 1738, seu irmão Charles começou a ler o comentário de Lutero sobre a epístola aos Gálatas. Quatro dias depois, escreveu em seu diário: "Agora eu me acho em paz com Deus e me regozijo na esperança de amar a Cristo".

Uma semana depois, foi a vez de John ter uma experiência espiritual que renovou seu ministério. Ele estava assistindo a um culto entre os morávios. Alguém começou a ler em voz alta o prefácio do comentário de Lutero sobre a epístola aos Romanos. Naquele momento, uma chama se acendeu em seu coração, e ele foi tomado pela certeza de que seus pecados haviam sido perdoados em Cristo. Esse fato marcou um recomeço em seu ministério como pregador.

O pregador

Depois dessa experiência, os 54 anos seguintes da vida de John Wesley foram extraordinários. Nesse período, ele fez uma média de 780 sermões por ano. Costumava pregar duas vezes por dia, uma de manhã cedo e outra ao entardecer. Em uma época que não havia estradas pavimentadas, chegou a viajar cerca de sete mil quilômetros por ano. Foram mais de 40 mil sermões feitos ao longo de todo o seu ministério. Apesar de possuir apenas 1,66m e pesar menos de 60 quilos, ele se tornava um gigante quando assumia o púlpito. Quando as igrejas tradicionais fechavam-lhe as portas, ele pregava ao ar livre. Era comum se agruparem entre cinco a 20 mil pessoas para ouvirem-no. Foi muitas vezes expulso de onde iria pregar, e em muitas outras ocasiões foi apedrejado e arrastado pelas ruas. Uma vez lhe bateram tanto no rosto, na boca e na cabeça, que ficou coberto de sangue.

Em seus dias, as mensagens pregadas nos púlpitos das igrejas tradicionais eram moralistas. Eram tão ruins que eram geralmente apresentadas

Wesley ia na contramão da teologia da época, pregando em espaços abertos e falando de improviso, ao invés de ler o discurso

para bancos vazios. A Igreja e o Estado andavam de mãos dadas, e qualquer forma de pregar que fugisse da tradicional era considerada fanatismo. Não se pregava ao ar livre, nunca. A ênfase de John na salvação pela graça era vista como uma ameaça, uma doutrina desnecessária, pois o clero acreditava que o batismo infantil era suficiente para a salvação.

Os hábitos metódicos de John Wesley se refletiam na forma como pregava. Ele costumava preparar suas mensagens nas primeiras horas do dia, quando passava algum tempo dedicado à meditação e ao estudo. Ao contrário do costume de sua época, que consistia em ler sermões escritos, John preferia pregar baseado apenas em um esboço, o que lhe dava a liberdade de ser espontâneo e falar de improviso. Ele bebia de três fontes para abastecer suas mensagens: (1) seus estudos profundos feitos ao longo da vida, e em especial na juventude, (2) sua paixão pela leitura diversa, e (3) sua sensibilidade em analisar pessoas e coisas.[5]

Ele não era um pregador que falava ao coração, mas ao cérebro, pois suas mensagens eram persuasivas e lógicas. Contudo, não usava um vocabulário rebuscado, e tinha a qualidade de conseguir falar com clareza aos mais diversos auditórios. Todos conseguiam entendê-lo. Falava em tom familiar e recheava suas mensagens com excelentes ilustrações. Outro segredo da sua popularidade como pregador consistia em fundamentar suas mensagens no evangelho — as boas novas da graça de Deus.

John era um homem muito ativo e procurava ocupar bem cada momento do dia. Com isso, conseguiu ler mais de 1 200 livros, muitos dos quais enquanto andava a cavalo. Escreveu quatro gramáticas: (1) para o hebraico, (2) para o latim, (3) para o francês e (4) para o inglês. Durante muitos anos foi editor de um jornal de 56 páginas, além de produzir um dicionário de inglês que foi muito popular em seus dias. Entre suas principais obras estavam um comentário bíblico do Novo Testamento, um livro sobre filosofia natural — ambos usados por muitos ministros —, quatro volumes sobre história da Igreja Cristã, além de um livro sobre a história de Roma e outro sobre a história da Inglaterra. Trabalhou também em três volumes sobre medicina e seis sobre música nos cultos. Junto com seu irmão Charles, publicou 54 hinários. Ele escreveu, editou e revisou ao todo, mais de 230 volumes.[6]

Graças a seu ministério, a Inglaterra viveu um reavivamento espiritual que impediu que acontecesse uma revolução semelhante a que banhou a França de sangue. Durante suas pregações, muitas pessoas começavam a chorar e a clamar pedindo que fossem salvas. Eram tocadas pela presença de Deus.

Como conseguia ser um pregador que tocava o coração de tantos? Com certeza, um dos segredos era sua vida de oração. John Wesley passava duas horas por dia buscando a Deus. Um amigo íntimo contou mais tarde que ele saía do quarto com um ar de serenidade no rosto, que quase parecia brilhar. Outro motivo que explicava esse poder era seu amor pela Bíblia. Ele era o *homo unius livri*, isto é, um homem de um único livro, e esse livro era a Bíblia.

Seu gosto pela pregação ao ar livre perdurou até a velhice. Em 7 de outubro de 1790, pregou seu último sermão ao ar livre baseado no texto: "O Reino de Deus está próximo, arrependei-vos, e crede no Evangelho" (Marcos 1:15).

John Wesley faleceu no dia 2 de março de 1791, com a idade de quase 88 anos. Suas últimas palavras foram: "O melhor de tudo é que Deus está conosco". Às 10 horas da manhã, cercado por muitos crentes em oração, ele deu seu o último suspiro e disse: "Adeus!". Findava ali a jornada de um homem que dedicou sua longa e produtiva vida à pregação do evangelho. Ele ganhou uma fortuna com a venda dos seus livros. No entanto, tudo foi doado para os necessitados. Os bens que deixou, ao morrer, foram uma estante repleta de bons livros, duas colheres e uma chaleira de prata, além de uma toga pastoral bastante usada. O seu maior patrimônio, no entanto, compunha-se dos milhares de vidas ganhas para o reino de Deus. ■

Não perca! No próximo número: Jonathan Edwards

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. BOYER. Orlando. *Heróis da fé*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (1985), p. 59, 60.
2. **Pietista:** Quem é partidário do pietismo — um movimento de renovação da fé cristã que surgiu na Igreja luterana alemã em fins do século 17, defendendo a superioridade do sentimento e do misticismo na experiência religiosa, em detrimento da teologia racionalista.
3. "Os morávios eram herdeiros teológicos de João Huss e foram convidados em 1727 pelo conde Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf para formar uma comunidade conhecida como Herrnhut (refúgio no Senhor) em sua propriedade, na Alemanha." — FERREIRA, Franklin. *Servos de Deus: espiritualidade e teologia na história da igreja*. São José dos Campos (SP): Fiel (2014), p. 299.
4. *Ibidem*, p. 300
5. LELIÈVRE, Mateo. *João Wesley: Sua vida e obra*. São Paulo: Vida (1997), p. 350.
6. BOYER, *Op. Cit.*, pp. 69 e 70.

SÉRIE OS GRANDES VILÕES DA ALIMENTAÇÃO PARTE 3 — OS CEREAIS REFINADOS

Editor Dorval Fagundes

Chegamos à terceira parte desta série, quando você conhecerá a importância que os cereais têm para a dieta humana, e por que recentemente eles têm mudado da posição de amigos da humanidade para a de inimigos da saúde do homem pós-moderno. Bem, a verdade não está no cereal em si, mas sim na forma como o homem tem manipulado seus grãos desde o século 19. A culpa está no próprio manejo escolhido pela humanidade.

O papel do trigo para a humanidade

Os principais cereais que nos alimentam pelos quatro cantos da Terra são o trigo, o milho e o arroz. Outros cereais têm participação na dieta humana, mas não nessa importância. Contudo, o mais importante cereal para a humanidade como um todo, pode-se dizer que foi e ainda é o trigo. O pão é referido no Alcorão, nos livros antigos e inclusive na Bíblia. A expressão "pão de cada dia" foi extraída diretamente da oração de Jesus Cristo — "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje".

Os arqueólogos que faziam escavações na região próxima a um lago suíço encontraram grãos de trigo, milho e centeio com milhares de anos de idade. Os romanos aperfeiçoaram o moinho rotativo para transformar trigo em farinha. Na época de Cristo, Roma já possuía mais de 300 padarias, e legiões romanas espalharam o trigo por todo o império. Naquela época já havia um processo de moagem relativamente avançado, pois o trigo era moído duas vezes e peneirado através de um tecido de seda. O resultado ainda era uma farinha amarelada de textura irregular e salpicada de germe e farelo. Desde aquela época, a humanidade sonhava com um pão "bonito", que fosse branco, sem o indesejável farelo.

Na segunda metade do século 19 houve grandes mudanças no processo de moagem de farinha. Um inventor americano, Edmund Lacroix, melhorou o processo com um purificador para separar o farelo e o germe das partículas que formam a farinha branca de textura fina. Desde então, a industrialização se encarregou de divulgar os belíssimos pães brancos para as classes menos favorecidas. Com a queda do custo da produção, agora todas as pessoas poderiam obter pão branco para comer.

No passado, o preferido dos ricos

Durante a Idade Média e grande parte da Idade Moderna, o pão branco era o preferido dos ricos, enquanto os pobres comiam pão escuro (feito de grão integral). O pão medieval era muito semelhante ao pão integral que conhecemos hoje. De acordo com fontes históricas, o sabor era muito parecido com o do pão integral moderno feito a partir de farinha integral. Infelizmente, poucas receitas de pão medieval sobreviveram à passagem do tempo. Pode presumir-se que, como o pão era um componente essencial da dieta, algo muito corriqueiro, não se julgou necessário incluí-lo em livros de receita.

Camponeses medievais comiam pães de centeio ou cevada, que eram de cor escura, cuja farinha era grossa. Centeio e cevada, quando moídos, liberam detritos da parte externa do grão, que confere essa cor marrom mais escura.

Em resposta a isso, uma farinha branca (mas não como a de hoje) e seu pão branco resultante foram desenvolvidos como uma forma de os ricos se sentirem seguros quanto ao pão que comiam; era um artigo superior, livre de contaminantes. Essa mentalidade persiste em muitas pessoas até hoje, que sentem que o pão branco é mais gratificante, mais saboroso, ou mais exclusivo do que pães com aparência natural, mais escura.

No entanto, na maioria das sociedades ocidentais, desde o final dos anos 1990, o pão integral tem crescido em popularidade por ter valor nutricional superior, enquanto o pão branco tem sido associado à ignorância dos valores nutricionais. Acompanhe as vantagens de se usar cereais integrais:

- Os cereais integrais contêm farelo e fibra, que atrasam a digestão do amido, o que resulta em um fluxo lento de açúcar para o sangue em vez de causar aumentos súbitos, o que pode contribuir para a grande incidência de obesidade e diabetes;
- As fibras ajudam a reduzir o colesterol, e aumentam o volume do bolo fecal, produzindo movimento através do trato digestivo;
- Fitoestrógenos (estrógenos vegetais que "imitam" certos hormônios humanos, especialmente o estrogênio, um hormônio feminino) e minerais essenciais, como magnésio, selênio e cobre encontrados em grãos integrais podem proteger o organismo contra muitos tipos de câncer;

Por que é preciso enriquecer uma farinha que é muito mais rica em sua forma integral?

Ninguém pode viver como os povos antigos viviam. O ambiente deles, com seus vastos espaços abertos, sem cidades, não existem mais.

Resultados da industrialização

A invenção dos moinhos industriais com rolos de aço inoxidável, no final do século 19, mudou o processamento de grãos. A moagem arranca o farelo e o germe, facilitando a mastigação e a digestão do grão, mas esses grãos altamente processados têm uma qualidade nutricional péssima. A farinha refinada cria pães macios, leves e arejados, assim como produtos de pastelaria fantásticos, mas o processo de beneficiamento destrói mais da metade de vitaminas do complexo B presentes no trigo, bem como 90% da vitamina E, e praticamente toda a fibra.

Os benefícios que o trigo pode dar à sua saúde dependem inteiramente da forma que você decidir comê-lo. Esses benefícios serão poucos se você selecionar trigo que recebeu tratamento padrão no Brasil, incluindo pães, macarrão e massas, e assados como biscoitos. Isso significa que 40% do grão de trigo original foram removidos, e sobraram apenas 60%. Infelizmente, os 40% que foram removidos incluíam farelo e germe do grão — exatamente as partes mais ricas em nutrientes. No processo de beneficiamento perderam-se mais de metade das vitaminas B_1, B_2, B_3, E, ácido fólico, cálcio, fósforo, zinco, cobre, ferro e fibra.

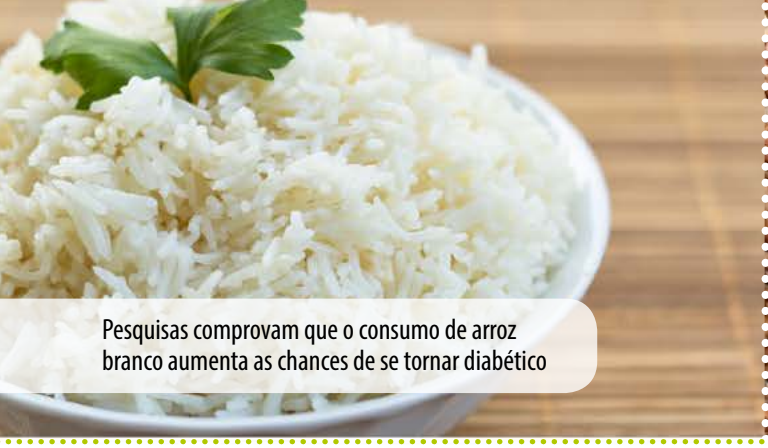
Desde 1941, as leis nos Estados Unidos, e mais recentemente no Brasil, têm exigido o "enriquecimento" da farinha de trigo processada com vitaminas B_1, B_2, B_3 e ferro por causa dos problemas criados pela remoção dos 40% de fibras e germe dos grãos. **Por que é preciso "enriquecer" uma farinha que, originalmente, era muito mais rica? Isso simplesmente não faz nenhum sentido**.

Se você selecionar produtos 100% integrais, o farelo e o germe do trigo permanecerão em suas refeições, e os benefícios para sua saúde serão impressionantes!

Arroz branco — um vilão?

No caso do arroz, outro cereal de grande importância, o polimento remove a maioria das vitaminas e minerais vitais para a saúde. Um exemplo: o farelo de arroz contém vitamina B e tiamina, elementos chave para prevenir o beribéri[1]. De fato, no maior campo de prisioneiros da Segunda Guerra Mundial nas Filipinas, prisioneiros americanos sofriam de beribéri até que conseguiram convencer os guardas prisionais japoneses a deixá-los cozinhar as aparas de farelo de arroz; em seguida, o beribéri sumiu.

Arroz branco também aumenta o risco de diabetes, cuja taxa tem subido continuamente nas Filipinas, Estados Unidos e muitos outros países. As camadas removidas do arroz durante o polimento contêm nutrientes que protegem contra a diabetes. O arroz polido contribui ainda mais para o risco de diabetes porque faz com que os níveis de açúcar no sangue subam com muito mais velocidade do que se as pessoas comessem arroz integral. De acordo com o *New York Times*, um estudo de Harvard (2010) mostrou que as pessoas que consomem arroz branco pelo menos



Pesquisas comprovam que o consumo de arroz branco aumenta as chances de se tornar diabético

Embora não possamos viver como os antepassados pré-históricos, podemos usar os melhores alimentos disponíveis

cinco vezes por semana "são quase 20% mais propensas a desenvolver diabetes tipo 2 do que aquelas que o comem menos de uma vez por mês". Nas Filipinas, nos Estados Unidos e até mesmo no Brasil, há pessoas que estão mudando para o arroz integral devido às prescrições que seus médicos lhes deram, por causa das preocupações com a diabetes[2]. Em nosso País, o arroz branco só não causa beribéri porque não é o prato principal de nossa dieta. Apreciamos comê-lo com feijão, uma leguminosa integral que atenua boa parte dos malefícios do cereal refinado.

Evidências em apoio vêm de pesquisadores que rastrearam os hábitos dietéticos de mais de 65 mil mulheres e quase 43 mil homens durante seis anos[3]. Os pesquisadores estavam tentando descobrir se o desenvolvimento de diabetes se relacionava a uma dieta com muitas porções de alimentos com um alto efeito glicêmico. Alguns alimentos ricos em carboidrato são tão facilmente digeridos e absorvidos que provocam uma resposta de insulina especialmente intensa. Os exemplos incluem grãos altamente refinados, como *arroz branco*; fontes de açúcares concentrados, tais como refrigerantes e geleias comuns; purê de batatas e alguns cereais de desjejum altamente refinados[4].

Conclusão — a dieta dos nossos antepassados próximos

Acredito que está ficando bem claro para você que a grande culpa do surto atual de doenças crônicas não está nos cereais em si, no sal, na cana-de-açúcar ou no milho do qual se retira o xarope com alta concentração de frutose. A culpa está no moderno estilo de vida ocidental, que tem contribuído para matar a mim e a você. Talvez se indague a si mesmo como isso pode acontecer, já que hoje vivemos mais do que no passado, e isso é verdade. A média de vida humana agora é muito alta. No Brasil, por exemplo, já ultrapassamos a média de 70 anos. Mas, por incrível que pareça, os avanços que proporcionaram esse aumento na média de vida não se encontram na dieta, e sim no combate às doenças que matavam grande número de crianças há poucas décadas, o que acabava por afetar a média de vida de um país. Porém, mais vida não significa mais saúde. Nem sempre é vantajoso viver mais tempo com uma qualidade péssima de saúde, tal como tem ocorrido de um modo geral.

Isso significa que devemos abandonar os alimentos de hoje e comer apenas frutas e vegetais silvestres? Não; mesmo se o fizéssemos, não estaríamos comendo como os povos pré-históricos comiam. Nossos alimentos são diferentes. As frutas e vegetais de hoje são diferentes. Os ambientes dos povos antigos, com seus vastos espaços abertos, sem cidades, não existem mais. E, lamentavelmente, muito conhecimento cultural, inclusive costumes alimentares tradicionais, foi quase tudo perdido para as modernas gerações.

Ainda assim, mesmo que não possamos comer os mesmos alimentos que eles, podemos tentar reproduzir sua atividade e níveis de ingestão de nutrientes utilizando os alimentos de que dispomos. Claramente, devemos rivalizar com eles ao incorporar mais atividade física aos nossos dias. Se nos exercitarmos mais e nos alimentarmos com produtos mais naturais e integrais, poderemos comer mais sem engordar; se comermos mais, poderemos obter mais nutrientes; e se obtivermos mais nutrientes, estaremos mais bem protegidos contra deficiências.

Ninguém pode voltar atrás no tempo para viver como os povos da antiguidade viviam. Porém, podemos aprender com eles a importância de fazer mais exercícios e de comer alimentos saudáveis, que sustentarão nossa saúde tão bem ou ainda melhor[5]. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 **O beribéri** é uma doença nutricional causada pela falta de vitamina B_1 (tiamina) no organismo, resultando em fraqueza muscular, problemas gastrointestinais e dificuldades respiratórias.
2 BROAD, Robin; CAVANAGH, John. *The Story of Refined White Rice*. Yes Magazine. March 28, 2011. Available on: < http://bit.ly/2xu4lBI>. Access on September 15, 2016.
3 Dietary fiber: Importance of function as well as amount, *Lancet* 340 (1992): 1133-1134.
4 SIZER, Frances; WHITNEY, Eleanor. *Nutrição — Conceitos e controvérsias*. Barueri (SP): Manole. Tradução: Nelson Gomes de Oliveira. et. al. 8ª ed. 2003, p. 125.
5 *Ibidem*, p. 91.

O USO DA CRUZ COMO SÍMBOLO DO CRISTIANISMO

Vinicius Kannen Cardoso é Pesquisador da Universidade de São Paulo, PhD pela Universität Würzburg (Alemanha), e Doutor pela Universidade de São Paulo, entre outras atribuições.

Vinicius Kannen Cardoso

Mesmo antes de Seu calvário, Cristo convidou a raça humana ao sacrifício de suas paixões pela simbologia do carregar sua própria cruz após Ele (Lucas 14:27). Em sua carta aos Gálatas, Paulo expressou o seguinte desejo: "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gálatas 6:14).

Em sua primeira carta aos Coríntios, novamente o apóstolo torna a referir-se à cruz: *"Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus"* (1 Coríntios 1:18). Estaria o apóstolo sugerindo que a cruz tem possíveis poderes de salvação? Se ela não os têm, que papel teve, então, no plano da redenção do homem caído?

Ao meditarmos em Colossenses 1:20, observamos que é o sangue de Cristo — e não uma cruz — que sela o pacto de reconciliação entre o homem e Deus. No livro de Apocalipse, o papel do sangue de Cristo, e não o da cruz, no processo de purificação do homem, fica ainda mais claro, pois *"[...] em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados"* (Apocalipse 1:5 ú. p.). Isso significa que a cruz foi o instrumento de tortura utilizado por Satanás para derramar o sangue do "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29 ú. p.).

Ellen White comenta aqueles momentos terríveis da morte de nosso Salvador:

"Enquanto os soldados executavam a terrível obra, e Ele sofria a mais aguda agonia, Jesus orava pelos Seus inimigos: *'Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem'* (Lucas 23:34). Satanás, com

suas cruéis tentações, torturava o coração de Jesus. Foi o senso do pecado, trazendo a ira do Pai sobre Si como substituto dos homens, que fez tão amargo o cálice que bebeu, e quebrantou o coração do Filho de Deus'."[1]

Entendemos, então, que o poder maligno alcançou o seu ápice com a morte de nosso Salvador, sendo a cruz o instrumento para isso. Desse modo, deveriam os cristãos modernos utilizar a cruz como símbolo de expressão de sua fé em Cristo?

A cruz como símbolo

Ao entendermos que Cristo se deixou matar em uma cruz para abolir o domínio do pecado sobre o homem caído, não é mera coincidência que o símbolo pagão mais primitivo seja a cruz. Tanto no Oriente quanto no Ocidente, a cruz tem sido utilizada como marco astrológico e religioso desde os períodos remotos da civilização humana; ou seja, ela sempre foi uma referência utilizada por magos e astrólogos para os quatro pontos cardeais em associação com a rotação diária do Sol.[2] Isso está muito bem representado até hoje pela cruz celta, que originalmente representava o deus da tempestade, sendo assim o emblema da civilização ariana primitiva.[3] Diversos objetos, que datam de períodos muito anteriores à época cristã, foram encontrados com diferentes formatos cruciformes [em forma de cruz], em quase todas as partes do Velho Mundo. Índia, Síria, Pérsia e Egito forneceram inúmeros exemplos. O uso da cruz como símbolo religioso em tempos pré-cristãos e entre povos não cristãos pode provavelmente ser tido como universal, e em muitos casos estava ligado a alguma forma de culto à natureza.[4]

O autor George Smith, em seu livro *A cruz no ritual, na arquitetura e na arte*, relata que "é estranho, porém inquestionavelmente um fato, que em eras muito anteriores ao nascimento de Cristo, e desde então em terras não tocadas pelo ensino da Igreja [Católica], a cruz tenha sido usada como símbolo sagrado. O grego Baco, o tírio Tamuz, o caldeu Baal e o nórdico Odin eram simbolizados, para seus devotos, por uma figura cruciforme".[5]

Ao serem analisadas evidências sobre a cruz durante a Idade do Bronze, fica claro que sua representação pagã está muito próxima daquela concebida e demonstrada na arte cristã. Isso significa que no decorrer de alguns séculos houve mudanças de costumes e crenças entre aqueles primeiros crentes em Cristo.

Não menos surpreendente é que a cruz era um dos símbolos do deus caldaico Baal. Dessa forma, qual seria a instrução de Jeová ao Seu antigo povo? *"Assim não farás ao Senhor teu Deus; porque tudo o que é abominável ao Senhor, e que Ele odeia, fizeram eles a seus deuses; pois até seus filhos e suas filhas queimaram no fogo aos seus deuses"* (Deuteronômio 12:29-31).

A cruz de Tamuz e a Babilônia antiga

É importante saber que a cruz também é o símbolo do semideus babilônico Tamuz, que morria ao final de todos os verões para que, ao ressurgir no próximo ano, trouxesse nova vida e boas colheitas. Um cerimonial de lamentação à sua morte era celebrado, porém proibido aos antigos israelitas.[6] Jeová advertiu Seu povo quanto à adoração desse deus por meio do profeta Ezequiel, que disse:

"E levou-me à entrada da porta da casa do Senhor, que está do lado norte, e eis que estavam ali mulheres assentadas chorando a Tamuz. E disse-me: Vês isto, filho do homem? Ainda tornarás a ver abominações maiores do que estas" (Ezequiel 8:14 e 15).

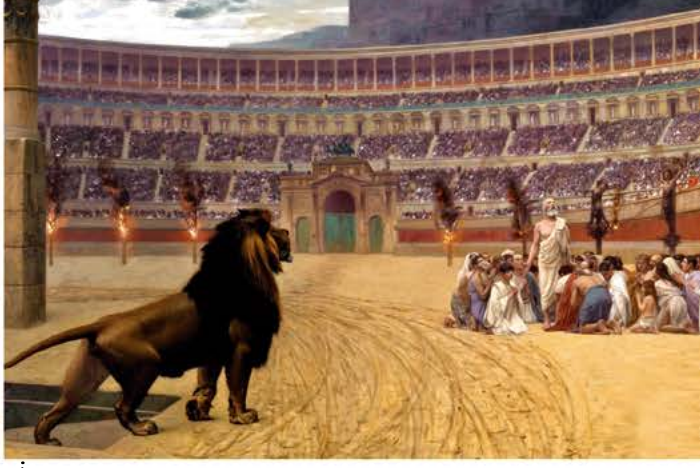
O culto a Tamuz também estava intimamente ligado à adoração de outras deidades pagãs, como Baal e Dagon, o que nos leva a relembrar que foi no interior do templo de Dagon que Sansão morreu (Juízes 16:23). Hoje, além da cruz de Tamuz representar a ordem católica de São Francisco de Assis, é impressionante saber que a Igreja da Natividade, em Belém, foi construída sobre uma caverna que era originalmente um santuário a Adonis-Tamuz.[7] Assim, o uso da cruz como símbolo religioso surgiu na Babilônia e se espalhou para outras nações muito antes da morte de Cristo, que ocorreu no ano 31.

A cruz *ansata*

Ao estudarmos o culto pagão do Antigo Egito, observamos que a cruz *ansata* ou *ankh* estava sempre à mão dos seus deuses e deusas, por ser o símbolo da vida. Essa cruz era carregada tanto pelo próprio Faraó quanto pelos seus sacerdotes como símbolo da autoridade dada a eles pelo próprio deus Ra, o criador da vida e do mundo. Esse símbolo representa o ato da concepção, uma vez que o

Primeira página do Codex Glazier com a estampa de uma cruz ansata

Papa Shenouda III, o 117º papa da igreja cristã copta, em Alexandria (2012)



Teriam os primitivos cristãos usado a cruz como símbolo de sua fé?

"T" dessa cruz representa a masculinidade, enquanto o "O" da parte superior, a feminilidade.[8] É interessante que, à medida que os pagãos egípcios se convertiam ao cristianismo, a cruz ansata tenha, pouco a pouco, se tornado símbolo cristão. Apenas recentemente a cruz etíope substituiu a cruz ansata como símbolo da Igreja Cristã Copta no Egito.[9]

Especificamente, foi bem depois do ano 42 — a provável data da fundação da Igreja Cristã Copta pelo evangelista Marcos[10] —, que a cruz ansata começou a ser utilizada como símbolo cristão no Egito, por volta do ano 313, quando Constantino encerrou a perseguição aos cristãos.[11] A história geral comprova que o paganismo perdeu a maioria de seus seguidores para o cristianismo durante o quarto século, fato que coincide com o início do uso da cruz *ansata* como símbolo religioso dos cristãos coptas[12] (*Codex Glazier*, quarto e quinto séculos[13]).

A clara condenação de tais símbolos pelos primeiros discípulos de Cristo, onde também podemos incluir o apóstolo Marcos, fica clara na visita de Paulo a Atenas: *"E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria"* (Atos 17:16). Em uma de suas cartas, Paulo adverte os crentes de Corinto sobre o assunto: *"Portanto, meus amados, fugi da idolatria"* (1 Coríntios 10:14).

Evidências arqueológicas demonstram que tanto em Corinto quanto em Atenas havia templos dedicados à deusa Afrodite, que também era representada pela cruz *ansata*.[14] Novamente, Paulo envia outra exortação aos crentes de Corinto: *"E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?"* (2 Coríntios 6:16). Assim, seria o uso da cruz uma prática comum entre os cristãos primitivos?

O uso da cruz na igreja cristã primitiva

Apesar de escribas terem utilizado um pictograma semelhante à cruz para abreviar a palavra grega *stauros* [poste ou estaca], o seu uso como símbolo cristão apenas se difundiu a partir do final do quarto século. Durante o primeiro e segundo séculos, os cristãos primitivos não adotavam a cruz como símbolo de sua fé pelo fato de que representava um método doloroso de execução pública de criminosos. A Enciclopédia Judaica reforça a ideia de que o uso da cruz como símbolo religioso dos cristãos iniciou-se alguns séculos após a morte de Cristo. À época, como também o é hoje, acreditava-se que a marcação de uma cruz sobre a testa teria o poder de afastar demônios. Iniciou-se também nessa época o juramento pela cruz. Além disso, os pais cristãos tiveram de se defender, já no segundo século, contra a acusação de serem adoradores da cruz, como pode ser aprendido com Tertuliano.[15]

Apesar de fortes indícios determinarem que a cruz tornou-se um símbolo cristão pouco mais de 300 anos após a morte de Cristo, a ampla difusão desse costume foi incentivada pelo imperador Constantino, que coincidiu com a entrada de ritos pagãos na igreja cristã primitiva, tais como adoração de imagens e santos, e a santificação do domingo.[16]

Ellen White relata que "a conversão nominal de Constantino causou grande regozijo. Progrediu rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Suas doutrinas e superstições se incorporaram à fé dos professos seguidores de Cristo. Esse compromisso entre o paganismo e o cristianismo resultou no 'homem do pecado' predito na profecia. Aquela falsa religião é a obra-prima de Satanás — seu esforço por sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade."[17]

No livro *Babylon Mystery Religion* [O mistério da religião babilônica, sem versão em português], o autor Ralph Woodrow observa que "não foi até o cristianismo começar a ser paganizado que a cruz passou a ser considerada como um símbolo cristão. Foi em 431 d.C. que cruzes em igrejas e câmaras foram introduzidas, enquanto que o uso de cruzes

em campanários não foi adotado até cerca do ano 586. No sexto século, o crucifixo foi permitido pela igreja de Roma".[18]

É interessante detalhar esses fatos pela inspiração divina, uma vez que "os 1260 anos de supremacia papal começaram em 538 e, portanto, terminariam em 1798".[19] Isso ilustra que o uso de cruzes parece ter facilitado a assimilação da nova fé por povos pagãos. Especificamente, desculpas foram se avolumando, e o segundo mandamento da Lei de Deus foi sendo esquecido (Êxodo 20:4 e 5).

O historiador Paul Corby Finney sugere outro motivo para o início do uso da cruz a partir do terceiro século: os cristãos primitivos que antes eram perseguidos e não possuíam terra nem bens, agora tinham o cristianismo como religião oficial do Império Romano (380 d.C.), o que permitiu o desenvolvimento das artes cristãs.[20] Tendo em mente as proibições do Antigo Testamento contra imagens de escultura, é importante considerar, em primeiro lugar, como a arte cristã se desenvolveu. O uso de imagens se tornaria um problema contínuo na história do cristianismo. A melhor explicação para o surgimento da arte cristã na igreja primitiva deve-se ao importante papel que as imagens desempenhavam na cultura greco-romana. À medida que o cristianismo ganhava conversos, os novos cristãos traziam a valorização das imagens de sua experiência cultural anterior, e queriam dar continuidade a isso em sua experiência cristã.[21]

Sobre isso, a inspiração revela que "assim como a religião havia diminuído em poder, aumentou em pompa. Os educadores daquele tempo procuravam o respeito por exibição e ostentação. Para tudo isso, a vida de Jesus apresentava um contraste marcante. Sua vida demonstrou a inutilidade das coisas que os homens consideravam como essenciais para a vida".[22]

"É quando os princípios vitais do reino de Deus são perdidos de vista, que as cerimônias se multiplicam e se tornam extravagantes. É quando a construção do caráter é negligenciada, quando o adorno da alma está faltando, quando a simplicidade da piedade é desprezada, que o orgulho e o amor pela exibição exigem igrejas magníficas, ornamentações esplêndidas, e cerimônias imponentes. [...] Nem toda a beleza da arte pode se comparar à beleza do temperamento e do caráter daqueles que são representantes de Cristo."[23]

Especificamente sobre a questão da cruz como um símbolo cristão, Deus revelou à Sra. White que "os papistas colocam cruzes sobre as suas igrejas, sobre os seus altares e sobre as suas vestes. Em todo lugar é vista a insígnia da cruz. Em todos os lugares, a cruz é excepcionalmente honrada e exaltada. Mas os ensinamentos de Cristo estão enterrados sob uma massa de tradições sem sentido, falsas interpretações e rigorosas extorsões".[24]

O incêndio do primeiro templo adventista que utilizou uma cruz

Devemos relembrar as palavras de Roger W. Coon, que serviu por muitos anos como secretário associado do Ellen G. White Estate:

"Eu estou convencido de que a Sra. White e os primeiros líderes da Igreja Adventista provavelmente estavam cientes da origem pagã da prática de se colocar [...] cruzes nos campanários de casas de culto religioso. No entanto, quando o Tabernáculo 'Dime' foi construído em Battle Creek, Michigan, em 1879, não tinha um, mas uma série de campanários ou torres que o adornavam; e no topo da torre do relógio principal, aparece em fotografias antigas da estrutura algo que muito distintamente parece ser uma cruz maltesa ou celta. Pelo menos quatro outras torres menores também aparentemente estão adornadas com ornamentação adicional. Além disso, entendo que, quando a igreja de Lancaster, Massachusetts, foi construída em 1899, também tinha um arranjo de pináculo semelhante; e muitas casas de culto adventistas construídas nos anos 1870, 1880 e 1896 se pareciam com essas duas igrejas pioneiras em Battle Creek e South Lancaster. **Muitos viram os incêndios como juízos divinos de Deus**. O tabernáculo de Battle Creek continuou a ser a igreja adventista mais proeminente e foi usada extensivamente por muitos anos **até que foi destruída pelo fogo em 7 de janeiro de 1922**."[25]

Assim, mesmo em tempos não tão distantes, Deus tem claramente demonstrado o Seu desagrado contra o uso de símbolos pagãos.

Um chamado à defesa da verdade

Desde o antigo Israel, Satanás tem se utilizado de artimanhas para confundir a mente dos seguidores de Cristo. A idolatria com a serpente Neustã é um exemplo claro dessa

perversão dos planos divinos, uma vez que, por meio do rei Ezequias, Deus *"tirou os altos, quebrou as estátuas, deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal que Moisés fizera; porquanto até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso, e lhe chamaram Neustã"* (2 Reis 18:4). Tal ousadia de Satanás em transformar o santo em profano fica evidente ao analisarmos que a serpente no deserto era símbolo do próprio Cristo:

"O levantamento da serpente de bronze deveria ensinar a Israel uma importante lição. [...] O Senhor queria agora ensinar-lhes que seus sacrifícios em si mesmos, não tinham mais poder nem virtude do que a serpente de bronze, mas deviam, como aquela [serpente de bronze], dirigir a mente a Cristo, a grande Oferta pelo pecado."[26]

Tomando como base o fato de que a serpente de metal era um símbolo profético do Filho de Deus, veja como o Pai Se indignou ao ver aquele emblema transformado em um objeto de culto idólatra, ao ponto de inspirar o rei Ezequias a destruí-lo juntamente com outros artefatos idólatras. Em contrapartida, se Deus sentiu tamanha indignação ao ver um símbolo criado por Ele mesmo sendo transformado em objeto de idolatria, qual não será Sua repulsa ao presenciar um dos mais conhecidos e antigos símbolos pagãos sendo honrado como o principal emblema do cristianismo? Desse modo, que desculpa há para os cristãos modernos adotarem o símbolo pagão da cruz como marco de sua fé?

No que se refere à cruz, Cristo deixou instruções diretas e claras da proibição contra o uso de tais símbolos (Êxodo 20:4 e 5), o que nos impede de considerar exceções para a quebra desse mandamento.

O altar de Caim demonstra claramente a loucura de se desviar o mínimo que seja dessas instruções para seguir a inclinação humana ao invés dos claros ensinos divinos: "Caim, desrespeitando o mandamento direto e explícito do Senhor, apresentou apenas uma oferta de frutos. Não houve sinal do Céu para mostrar que era aceita."[27]

"O catolicismo na verdade em muito se assemelha ao protestantismo que hoje existe; pois o protestantismo moderno muito se distancia daquele dos dias da Reforma. Tendo estado as igrejas protestantes à procura do favor do mundo, a falsa caridade lhes cegou os olhos."[28]

Ainda mais, tem-se difundido em nosso meio a ideia de que, como os altares construídos por Abraão marcavam a presença daquele servo de Deus, assim poderia a cruz diferenciar um cristão dos seguidores de outras religiões. Contudo, sendo a cruz um símbolo pagão muito tempo antes de ser adotada como insígnia de Roma Papal, devemos nos perguntar: *"E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?"* (2 Coríntios 6:15 e 16 p. p.). Assim, a construção do altar de Abraão não pode ser utilizada como justificativa para que professos cristãos utilizem a cruz como demonstração pública de sua fé, uma vez que Deus dera instruções claras quanto à sua construção, e não havia qualquer semelhança entre ele e os altares idólatras.

Através de Moisés, Jeová mais uma vez instruiu os israelitas quanto ao que já havia

revelado a Abraão: *"Se Me fizerem um altar de pedras, não o façam com pedras lavradas, porque o uso de ferramentas o profanaria"* (Êxodo 20:25). Além da simbologia pagã da cruz, sua confecção exige a operação de talhadeiras, formões e outras ferramentas rústicas de carpintaria, o que a inutilizaria como comparação com qualquer altar do Antigo Testamento dedicado a Jeová. Quanto aos altares e símbolos pagãos, o Senhor determinou: *"Derrubareis os seus altares, quebrareis as suas estátuas; e cortareis os seus bosques, e queimareis a fogo as suas imagens de escultura"* (Deuteronômio 7:5).

Na verdade, Cristo não deixou exceções a Israel quanto às imagens de escultura que deveriam ou não ser queimadas, e tendo em mente que a cruz era uma dessas relíquias pagãs já desde aqueles tempos, também não deve ser utilizada por aqueles a quem Deus reconheceu como *"a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz"* (1 Pedro 2:9).

Meus amados, meditemos no chamado de Cristo revelado a nós por Sua serva: "Nada além da justiça de Cristo pode nos dar direito às bênçãos do concerto da graça".[29] Que seja o sangue de Cristo, e não uma cruz, o verdadeiro símbolo de nossa fé e salvação. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 WHITE, Ellen. *História da redenção,* pp. 222-226 [trechos].
2 BERTRAND, *La religion des Gaulois* [A religião dos gauleses, sem tradução para o português], p. 159. A Companion Bible diz: "Estas cruzes eram usadas como símbolos do Deus-Sol babilônio, [uma cruz dentro de um círculo], e foram vistas pela primeira vez numa moeda de Júlio César, 100-44 a.C., e depois numa moeda cunhada pelo seu herdeiro (Augusto, em 20 a.C.. Nas moedas de Constantino I, o símbolo mais frequente é ☧; mas o mesmo símbolo é usado sem o círculo que o envolve, e com os quatro braços de dimensões iguais; e este símbolo era especificamente venerado como "a Roda Solar". Deve-se lembrar que Constantino era um devoto do Deus-Sol, e não entraria para a Igreja até um quarto de século depois da lenda de sua visão da cruz nos céus." (Appendix No. 162)
3 MAC MATHUNA, Liam. *Irish Perceptions of the Cosmos* [Percepções irlandesas do Cosmos, sem tradução para o português]. Celtica, vol. 23 (1999), pp.174-187.
4 *Encyclopaedia Britannica* (1946), vol. 6, p. 753.
5 Apud BIANCO, Marcelo Dal; BIANCO, Mabel Cristina Dal. *Da genética alterada ao reino, e suas revelações inovadoras*. Rio de Janeiro: Autografia. 1ª ed. (2017), pp. 199 e 200.
6 A forma da [cruz de duas vigas] teve sua origem na antiga Caldeia e foi usada como símbolo do deus Tamuz (tendo a forma do Tau místico, a letra inicial de seu nome) naquele país e em terras adjacentes no Egito. Por volta dos meados do terceiro século, as igrejas ou se haviam apartado ou tinham arrematado certas doutrinas da fé cristã. A fim de aumentar o prestígio do sistema eclesiástico apóstata, aceitavam-se pagãos nas igrejas, à parte de uma regeneração pela fé, e permitia-se a eles, em grande parte, reter seus sinais e símbolos pagãos. Assim se adotou o "Tau" ou "T", na sua forma mais frequente, com a peça transversal abaixada um pouco, para representar a cruz de Cristo. — *An Expository Dictionary of New Testament Words* [Um dicionário expositivo das palavras do Novo Testamento, sem tradução para o português].
7 "[...] o lugar onde Jesus nasceu foi convertido num bosque sagrado em honra do deus Adônis. S. Cirilo de Jerusalém viu os terrenos onde se encontrava a gruta, cobertos de árvores [...]: Belém, que agora é nossa, o lugar mais augusto do mundo, aquele de que disse o salmista: da terra germinou a Verdade (Salmos 84:12), esteve sob a sombra de um bosque de Tamuz, quer dizer, de Adônis, e na gruta onde outrora Cristo deu os seus primeiros vagidos, chorava-se o amado de Vênus." — *Portal Opus Dei* [versão em português]. Disponível em: <http://bit.ly/2CXzQFN>. Acesso em 4 mar. 2018.
8 INMAN, Thomas. *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism* [O antigo paganismo e o moderno simbolismo cristão, sem tradução para o português], Second Edition. New York: J. W. Bouton, 706 Broadway (1875). ISBN 978-1-4209-2987-4, p. 44.
9 SILVERMAN, David P. *Egyptian Religion* [Religião egípcia, sem tradução para o português], Oxford University Press US (2003) ISBN 0-19-521952-X, p. 135.
10 MEINARDUS, Otto F. A. *Eusebius of Caesarea, the author of Ecclesiastical History in the 4th century, states that Saint Mark came to Egypt in the first or third year of the reign of Emperor Claudius, i.e. 41 or 43 A.D. Two Thousand years of Coptic Christianity* [Eusébio de Cesareia, autor da História Eclesiástica no quarto século, afirma que São Marcos chegou ao Egito no primeiro ou terceiro ano do reinado do imperador Cláudio, ou seja, 41 ou 43 d.C. Dois mil anos de cristianismo copta, sem tradução para o português]. p. 28.
11 SILVERMAN, David P. *Op. Cit.,* p. 135.
12 Os *coptas* significam, literalmente "cristãos egípcios". São egípcios cujos ancestrais abraçaram o cristianismo no primeiro século. Formam um dos principais grupos étnico-religiosos do país. O povo do Egito, antes da conquista árabe do século sétimo, identificavam a si mesmos e ao seu idioma, em grego, como *Aigyptios* (em árabe *qibt*, ocidentalizado como *copta*). Posteriormente, quando os egípcios muçulmanos pararam de se chamarem de *Aigyptioi*, o termo tornou-se o nome específico da minoria cristã. A palavra *copta* foi usada originalmente no árabe clássico para se referir aos egípcios em geral, porém passou por uma mudança semântica ao longo dos séculos, e passou a se referir mais especificamente aos cristãos egípcios depois que a maior parte da população egípcia se converteu ao Islã, após o século sétimo. Atualmente, o termo é principalmente aplicado aos membros da Igreja Ortodoxa Copta. — *Encyclopaedia Britannica.* Verbete "Coptic Orthodox Church" ["Igreja Ortodoxa Copta", sem tradução para o português]. Disponível em: <http://bit.ly/2FeR5UK>. Acesso em 4 mar. 2018.
13 **Códex Glazier:** Designado pela sigla *Cop G67* , é um manuscrito uncial copta do Novo Testamento em pergaminho. Está datado paleograficamente para o quarto ou quinto século. Antes de 1963, fazia parte da coleção particular dos manuscritos de William S. Glazier, um banqueiro. — Hans-Martin Schenke, *Apostelgeschichte 1:1-15, 3. Im Mittelaegyptischen Dialekt des Koptischen* [Atos 1:1-15, 3 No dialeto médio egípcio copta, sem tradução para o português] *(Codex Glazier)* (Texto Und Untersuchungen Zur Geschichte Der Altchristlichen Literatur 137), Berlim: Akademie Verlag 1991, p. 1. Disponível em: <http://bit.ly/2GZ3XPe>. Acesso em 4 mar. 2018.
14 FISHER, Fred H. *Cyprus: Our New Colony And What We Know About It* [Chipre: nossa nova colônia e o que sabemos sobre ela, sem tradução para o português]. London: George Routledge and Songs (1878), pp. 13 e 14.
15 KOHLER, Kaufmann. *Jewish Encyclopedia — The unedited full-text of the 1906 Jewish Encyclopedia* [Enciclopédia Judaica — O texto completo, não editado da Enciclopédia Judaica de 1906]. Verbete "Cruz". Disponível em: <http://bit.ly/2oBltlR>. Acesso em 2 mar. 2018.
16 Catholic Encyclopedia, verbete "The True Cross" [A verdadeira cruz, sem tradução para o português]. Disponível em: <http://bit.ly/2olnX1e>. Acesso em 2 mar. 2018.
17 WHITE, Ellen. *O grande conflito,* p. 25.
18 WOODROW, Ralph. *Babylon Mystery Religion* [Mistérios da religião babilônica]. California, EUA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1966, p. 48. Disponível em: <http://bit.ly/2GXoWSA>. Acesso em 2 mar. 2018.
19 *Ibidem,* p. 266.
20 FINNEY, Paul Corby. *The Invisible God — The Earliest Christians on Art* [O Deus invisível — A arte entre os primitivos cristãos]. EUA, New York: Oxford University Press (1994), pp. 148 e 149.
21 Khan Academy. *The art among the early Christians* [A arte entre os primitivos cristãos]. Portal da Khan Academy [sem tradução para o português]. Disponível em: <http://bit.ly/1TrrEji>. Acesso em 2 mar. 2018.
22 WHITE, Ellen. *Testemunhos para a igreja,* vol. 8, p. 222.
23 WHITE, Ellen. *Profetas e reis,* pp. 565 e 566.
24 WHITE, Ellen. *O grande conflito,* p. 568.
25 *Adventist Review*, 11 de junho de 1987, pp. 8-10 [grifo nosso].
26 WHITE, Ellen. *Patriarcas e profetas,* p. 314.
27 *Ibidem,* p. 71.
28 WHITE, Ellen. *O grande conflito,* p. 571.
29 *Ibidem,* p. 431.

Entrevista

Recentemente, em 28 de outubro de 2017, o irmão Olmício Nascimento Freitas foi ordenado ao ministério, na igreja de Itaquaquecetuba (SP). Sua história de vida, da infância até o momento de sua ordenação, é uma sequência de eventos nos quais se pode acompanhar a mão do poderoso Deus, encaminhando e dirigindo os acontecimentos durante todo o percurso.

Você é nosso convidado para acompanhar, em duas edições, o caminho trilhado por um jovem interiorano que se entregou a Deus, e presenciou grandes maravilhas operadas pela mão do Senhor na sua própria vida e na vida de seus familiares.

OLMÍCIO NASCIMENTO

Revista Observador:
Fale-nos um pouco a respeito de sua infância e sobre como conheceu a verdade.

Nasci num pequeno vilarejo do município de Itacarambi (MG), chamado Fabião. A região fica ao norte de Minas Gerais, próximo às margens do rio São Francisco.

Meus pais, Euclides e Deolinda, após meu nascimento, se mudaram para uma fazenda chamada Riachão, e dali para outra fazenda, dessa vez pertencente a pessoas de nossa família, uma propriedade chamada Tiririca. O local ainda existe, e nossa família ainda dispõe de um pequeno trecho de terra da fazenda original. Aos oito anos, precisei estudar, então caminhava vários quilômetros até uma sala de aula improvisada em uma igreja católica da região. As condições da época eram precárias no sentido daquilo que chamamos "conforto". Na Tiririca não havia luz elétrica, eletricidade, fogão a gás, colchão de espuma, vaso sanitário, água encanada, arroz polido, café moído, nada. O arroz era batido com mão de pilão, e ficava uma delícia.

O único meio de se saber notícias do mundo era quando alguém vinha de São Paulo a cada ano ou até mais, não havia uma frequência certa. Outro meio de se informar era ouvindo o programa de rádio "A Voz do Brasil", que era transmitido diariamente, às 19 horas.

Pouco antes de eu nascer, o pastor Francisquinho Devai precisou fazer uma visita a Fabião, à casa do meu tio Joaquim Nascimento, que atualmente é meu sogro. Ele viajou alguns dias de trem até Pirapora, depois tomou uma embarcação pelo rio São Francisco por mais 500 quilômetros até chegar a Itacarambi. Pelo fato de não ter o endereço do meu tio, abordou uma pessoa para pedir informações, e por sorte, ela conhecia meu tio — creio ter sido providência divina —, que passou as coordenadas do local. Como a única forma de chegar lá era sobre o "lombo de animais", a pessoa bondosamente emprestou um jumento para que o pastor fizesse sua viagem de 18 quilômetros até Fabião. No entanto, assim que o animal tomou a estrada para Fabião, começou a gemer enquanto andava. O pastor, não sabendo que o gemido é uma característica própria do animal, pensou que alguma dor estivesse acometendo a montaria. Desceu do jumento e começou a puxá-lo. Depois subiu novamente, andou mais um pouco, e assim que o animal gemia, descia; e dessa forma, prosseguiu nessa luta até chegar ao destino. Chegando lá, disse ao irmão Joaquim:

— Tudo bem, irmão? Foi

uma luta para chegar até aqui. O animal começou a gemer, parecia que estava padecendo alguma dor, então eu descia e puxava ele.

O meu tio respondeu:

— Não, fique tranquilo. Isso não é nada. É uma mania do animal mesmo, quando começa a andar, fica dando esses gemidos. Aproxime-se, vamos entrando!

Após a visita, montou no jumento e retornou a Itacarambi.

Mais tarde, quando completei dez anos, meu irmão ficou doente, e mamãe precisou vir a São Paulo atrás de recursos mais adequados para o tratamento. Tive de ficar com meus irmãos mais novos, lavando roupas, cozinhando, indo à escola, ajudando meu pai na roça, inclusive levando almoço para ele na hora determinada, e tudo o mais. Apesar de ser um lugar muito tranquilo, minha infância foi bem atarefada, e a correria era grande.

Quando minha mãe retornou, a família se mudou novamente para o vilarejo de Fabião. Ao completar 12 ou 13 anos, já morando no distrito, fui trabalhar com meu avô, no armazém dele. Ali eu atendia os fregueses e ajudava um pouco a administrar o trabalho dos empregados na roça — levava comida, fazia o pagamento, etc. Meu pai precisou vir a São Paulo em busca de melhores condições de trabalho, e ao retornar para Fabião, levou um rádio de pilhas. Ao ver o rádio, dei um jeito de consegui-lo para mim. Aquele se tornou o meio de comunicação, nossa porta para o mundo. Morando no distrito, a vida era mais tranquila. Apesar das dificuldades e trabalhos que passei, minha infância foi bonita, alegre, sem traumas; o convívio com a minha grande família (tios, avós, primos, etc.) sempre foi muito saudável e próximo. Havia também os amigos com quem me divertia um pouco nos fins de semana. Na adolescência, já participava de algumas festas, especialmente aos sábados à noite, e de outros divertimentos aos domingos; enfim, era uma vida simples e pacata.

No entanto, apesar de tudo transcorrer aparentemente bem, faltavam Cristo e a verdade. Até os 14 ou 15 anos, eu nunca tinha visto uma Bíblia. Um tio meu, chamado José, que era obreiro voluntário da Igreja Adventista, me convidou para ir à igreja numa quarta-feira. Aceitei o convite, e lá chegando, ele localizava os textos apontados pelo pregador para eu ler, sentado no banco. No final do culto, recebi uma Bíblia de presente. Saí dali com o primeiro estudo bíblico em mente e uma Bíblia na mão. Convidou-me para retornar à igreja no próximo sábado, e eu atendi ao convite. Contudo, na semana seguinte, fui duramente criticado pelos meus amigos adolescentes. Perguntaram-me:

— Olmício, ouvimos dizer que você se tornou crente. É verdade?

Respondi:

— Não, eu apenas fui conhecer a igreja, e estou frequentando, só isso.

— Só um minutinho! Como você vai se tornar crente? E a nossa vida de companheirismo, como fica?

— Pensando bem, vocês estão certos. Não vou me tornar crente então. — Concluí.

No próximo sábado, não fui à igreja. Então, meu tio veio ao meu encontro e renovou o convite. Aceitei, fui à igreja no sábado seguinte, e a partir daquele dia em diante, assumi o fato de que me tornaria um crente, e não parei mais de ir à igreja até hoje.

Nessa mesma época, minha mãe tomou a decisão de guardar o sábado. Então ela me procurou e me deu a notícia. Respondi que não precisava se preocupar comigo, porque também estava decidido a guardar o sábado. Ela ficou muito feliz. Logo em seguida, duas de minhas irmãs aceitaram a fé, e pouco tempo depois já éramos quatro membros adventistas na família. No dia do nosso batismo, uma das perguntas do verso do certificado indagava se o candidato aceitava e cria no Espírito de Profecia.

— Pastor, o que é o "Espírito de Profecia"? — Perguntei.

— Ninguém estudou com você a respeito dessa doutrina? — Ele respondeu.

— Não, ninguém tocou nesse assunto comigo.

— Sem problema. Amanhã você será batizado, e em seguida receberá o estudo sobre o Espírito de Profecia. — Foi a conclusão do pastor.

Poucos meses depois, meu tio, o irmão Joaquim Nascimento, que hoje é meu sogro, estava há alguns anos colportando, e decidiu se mudar para Fabião. Permaneceu ali por cerca de três meses até ser chamado para trabalhar na Obra Bíblica como obreiro assalariado.

Ao chegar, ele reunia as pessoas da família aos sábados. Um dia, ele pôs a pasta no chão

e retirou a Bíblia de dentro dela. Contudo, vi que ficaram vários livros lá dentro. Perguntei:

— Tio, esses demais livros aí dentro da pasta, são mais bíblias que o senhor carrega?

— Não, meu filho. Esses livros são conhecidos como o "Espírito de Profecia"!

Bom, então eu mais ou menos entendi, naquele momento, o que seria o tal "Espírito de Profecia" que há tempos desejava saber. Algumas semanas depois, teve de partir para Feira de Santana (BA). Alguns meses mais tarde, ele me escreveu uma carta, dizendo:

"Olmício, se você realmente quer conhecer a verdade, faça um esforço aí e venha para Feira de Santana, que nós vamos estudar tudo o que for necessário."

A maior viagem que eu tinha feito até aquela época foi aos 14 anos, quando me distanciei 45 quilômetros de Fabião. Agora eu teria de me distanciar mil quilômetros até Feira de Santana. Era menor de idade, o que exigia autorização por escrito do meu pai. Assim mesmo, vendi umas cabeças de gado, consegui a autorização e zarpei rumo à Bahia.

Lá chegando, ficamos três dias estudando a Bíblia ininterruptamente, parando apenas para dormir e comer. O terceiro dia caiu numa sexta-feira, quando eu deveria tomar minha decisão definitiva. Contudo, uma irmã da localidade me aconselhou:

— Menino, você está vindo do interior. Feira de Santana é um grande centro. Para confirmar de fato a sua fé, seria melhor não ir à igreja da Reforma amanhã. Vá até a Igreja Adventista. Indo lá, você vai confirmar ainda mais o que acabou de ouvir nesses estudos. Verá, de fato, a diferença entre eles e o povo remanescente.

Segui o conselho dela, assistindo na Igreja Adventista naquele sábado. Na segunda cedo, fui visitar uma das maiores feiras do Nordeste, que deu nome àquela cidade. Lá chegando, vi dois soldados da Polícia Militar, e tive certeza de já ter visto o rosto de um deles em algum lugar. Era um rosto muito familiar. A probabilidade de eu conhecer de fato um daqueles homens era quase zero, mas tive a certeza de tê-lo visto em algum lugar. Orei ao Senhor pedindo ajuda, e logo em seguida me veio à mente a verdade. Era o diretor da escola sabatina que eu vira na Igreja Adventista dois dias antes. Então, na quinta-feira anterior, estudara com meu tio sobre a guerra. Durante o estudo, perguntei a ele:

— Mas será possível que uma igreja que tem a posse da verdade faça isso, ou seja, porte armas?

— Sim, meu filho, usam armas normalmente. — Ele respondeu. — A igreja foi à guerra em 1914, assim como repetiu o ato na Segunda Guerra, na década de 1940.

Ao ver aquele guarda fardado e armado na minha frente, tomei minha decisão naquele instante. Orei a Deus, agradecendo-O pelo conhecimento que me dera até então, e desde aquele momento até agora, pertenço de corpo e alma ao Movimento de Reforma. Um ano depois desse episódio, ao lado de mais 49 pessoas, fui batizado no Oceano Atlântico, em Aracaju (SE), em 26 de dezembro de 1976.

Revista Observador:
Como o irmão se tornou um obreiro? Fale-nos um pouco sobre os eventos que o colocaram em contato com a Obra.

Em seguida ao meu batismo, ingressei na colportagem; trabalhei a princípio em Sergipe, depois em Salvador (BA). Naquela época, em fins de 1976, início de 77, nossa igreja enfrentou uma crise, conhecida como "O Movimento dos Costa". Perdemos cerca de mil membros da nossa igreja para o movimento deles. Foi uma grande sangria em nosso número. Um irmão da Bahia, que era muito influente e rico, me convidou para fazer parte de uma caravana, um trabalho itinerante, no qual eu deveria tocar violão e pregar. Ao consultar o obreiro, ele "abriu o jogo" e explicou a situação. Aquele irmão influente estava trabalhando para "os Costa".

Em 1979, fui para Brasília, a fim de estudar na escola missionária. Lá chegando, a ASCENBRA precisou de um obreiro para a cidade de Anápolis (GO), que distava três horas de ônibus de Brasília. Meu nome foi indicado, fui chamado, e durante os dois anos de curso, cerca de um ano e meio eu trabalhei atendendo a igreja de Anápolis aos fins de semana. Ao sair da escola missionária, em 1º de março de 1981, com apenas um mês de casado (a cerimônia ocorrera em 1º de fevereiro), fui introduzido oficialmente na obra pelo pastor Ari Gonçalves, ali mesmo, em Anápolis. ■

Continua na próxima edição.

DEVEMOS COLOCAR VÍRGULA ANTES DE "ETC."?

Editor Dorval Fagundes

Leitores fizeram perguntas à BBC Brasil, e o professor Pasquale Cipro Neto respondeu à pergunta: Devemos colocar vírgula antes de "etc."?

Primeiro, ele lembra que "etc." sempre se escreve com ponto, mesmo que apareça no meio do texto. A forma correta é: "Comprei laranja, banana, **etc.** e depois fui ao cinema".

Essas três letrinhas — "etc." — significam a redução de uma expressão do latim, *"et coetera"*, que significa "e outras coisas".

De acordo com o professor Pasquale, há duas formas de se proceder.

"Há quem leve ao pé da letra a etimologia, ou seja, a origem. Se *etc.* significa *'et coetera'*, ou seja, *'e outras coisas'*, quem age assim não colocaria vírgula antes de *'etc.'* na frase 'Comprei laranja, banana, abacate etc.', assim como não colocaria vírgula na frase 'Comprei laranja, banana, abacate e outras coisas'."

"Assim procede, por exemplo, o dicionário Houaiss", explica o professor.

Mas o professor diz que, como muitas pessoas perderam a noção histórica do sentido da palavra, elas consideram que o "etc." virou uma palavra, mais um elemento da enumeração.

"Assim procede, por exemplo, o texto do formulário ortográfico oficial", diz. "O que não quer dizer que seja essa a única forma possível. As duas formas são possíveis". Ele acrescenta que alguns órgãos da imprensa colocam vírgula antes de "etc." e outros não. "E ambos acertam. Então tanto faz".

Existe, porém, um caso em que a vírgula é obrigatória: "Se você repetir 'etc., etc., etc.', aí você passa a ter uma enumeração, como outra qualquer".

"Você age da mesma forma quando diz 'laranja, banana, abacate, etc.'. Vai virgular, vai separar um elemento do outro da enumeração."

PARA SABER MAIS:

Portal BBC Brasil. *Professor Pasquale explica: devemos colocar vírgula antes de 'etc.'?* Disponível em: <http://bbc.in/2InMSGj>. Acesso em 30 dez. 2017.

Gastronomia

CULINÁRIA SAUDÁVEL

REPOLHO

Vila Maria-SP Aline Barbosa

A planta é originária da região do Mediterrâneo. Sabe-se que os egípcios já usavam as folhas do repolho; na Grécia, era considerado uma fina iguaria. O repolho é uma das hortaliças mais eficientes na produção de alimentos graças à sua alta taxa de crescimento e excelente valor nutritivo, destacando-se como fonte de vitamina C, que age contra infecções; além de ser um alimento de baixo teor calórico, o repolho-roxo possui hormônios que auxiliam na queima de gorduras.

O repolho, em sua forma crua, apresenta boas quantidades de vitamina A, importante para o crescimento e a formação dos dentes.

Na região central do repolho situa-se a parte comestível da hortaliça, denominada popularmente como "cabeça". Entre as principais espécies do mesmo, podemos citar a couve-roxa e a couve-lombarda. Como se conserva facilmente, foi um vegetal particularmente utilizado antes da chegada da refrigeração como forma de manter os alimentos frescos.

Muito utilizado na culinária alemã para o preparo do prato típico conhecido como *chucrute,* essa hortaliça também está na mesa de muitos brasileiros. Podendo ser usado cozido, em saladas, recheios de pastéis, tortas e sopas.

Aproveite esta receita especial que a Observador da Verdade oferece, testada pela gastrônoma Aline Barbosa e fotografada pelo seu esposo Marcelo.

Torta de REPOLHO

Ingredientes

- 3 xícaras de farinha de trigo
- 1 colher (sobremesa) de sal
- 1 colher (sopa) de fermento químico em pó
- 1 cebola média ralada
- ½ xícara de óleo vegetal
- 1 e ½ xícara de água

Ingredientes/Recheio

- 1 repolho pequeno cortado
- 1 cebola média picadinha
- 2 tomates picados
- ½ pimentão verde picado
- Orégano
- Sal
- Gergelim preto para decorar
- Azeite para regar

Modo de preparo:

Em uma tigela, misture os ingredientes seguindo a ordem. Unte uma forma apenas com óleo. Coloque a massa. Reserve.

Modo de preparo (recheio):

Em uma tigela coloque o repolho, a cebola, o tomate e o pimentão. Tempere com orégano e sal. Coloque por cima da massa, regue com o azeite, salpique o gergelim preto e leve ao forno até dourar.

FONTES:

DANTAS, Tiago. *A importância dos alimentos na saúde.* Disponível em: <http://bit.ly/2oBtFSo>. Acesso em 12 dez. 2017.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

SELO DE 2700 ANOS CONFIRMA A EXISTÊNCIA DA FIGURA DO GOVERNADOR DA CIDADE

Professor e geógrafo. Botiatuba, PR Alexandre de Araújo

Artefato foi encontrado em sítio arqueológico próximo ao Muro das Lamentações

O objeto é um pouco menor que uma moeda de dez centavos, e foi encontrado em uma escavação feita a cem metros a noroeste do Muro das Lamentações, na cidade de Jerusalém. Apesar do tamanho diminuto, é um importante achado arqueológico. Essa peça de barro cozido traz a inscrição em hebraico antigo, semelhante ao usado no texto bíblico: "Pertencente ao governador da cidade". Esse tipo de objeto era usado para selar correspondências e documentos oficiais. Antes de ser trazido a público, foi examinado minuciosamente pelos professores Tallay Ornan, da Universidade Hebraica, e Benjamin Sass, da Universidade de Tel Aviv.

A descoberta foi anunciada no fim do ano passado pelo atual prefeito da cidade de Jerusalém, Nir Barkat. "É incrível receber essa peça histórica da Jerusalém do período do Primeiro Templo. Ela apenas comprova que Jerusalém, a capital de Israel, era uma cidade forte e central para o país há uns 2 700 anos", comentou o prefeito.

Na parte superior do selo há duas figuras vestindo roupas com listras de frente uma para a outra. Entre elas há uma imagem que pode representar a Lua. Segundo a responsável pela escavação, Dra. Shlomit Weksler-Bdolah, "esta é a primeira vez que tal impressão foi encontrada em uma escavação autorizada. Ela apoia a referência bíblica da existência de um governador da cidade em Jerusalém há 2 700 anos".

Qual é a importância do achado? Em primeiro lugar, comprova que 700 anos antes de Cristo Jerusalém exercia papel de fundamental importância política e econômica no reino de Judá. Era uma cidade que exercia influência sobre outras localidades. Em segundo lugar, ela comprova a existência histórica da função de governador de cidade, o que equivaleria ao papel de prefeito das cidades atuais. Até a arqueologia desenterrar esse artefato, a única referência a essa função era feita nas páginas do Antigo Testamento: em 2 Reis 23:8, Josué é listado como o governador da cidade nos dias do rei Ezequias, e em 2 Crônicas 34:8, Maaséias é citado exercendo a mesma função nos dias do rei Josias. "A Bíblia menciona dois governadores de Jerusalém, e essa descoberta revela que tal posição era realmente exercida por alguém na cidade há 2 700 anos", explica Weksler-Bdolah.

O artefato foi encontrado entre os restos da estrutura de quatro quartos situada na encosta da colina que ficava em frente ao monte Moriá, onde estava o templo de Salomão. O prédio foi datado como sendo do século sétimo antes de Cristo. A sala maior da estrutura original era dividida em três compartimentos menores. A Dra. Weksler-Bdolah acredita que, devido à sua localização e a diversidade de artefatos encontrados no mesmo local — do Egito e da Assíria —, o edifício provavelmente tenha servido como centro administrativo. As autoridades locais podiam ter que assinar documentos ali, na época do primeiro templo, e devido à sua importância, era possível que o lugar fosse frequentado pela alta sociedade da Jerusalém da época. ■

Referências bibliográficas:

Com informações de Times of Israel.

NOTÍCIAS

DESTAQUES

RIO DE JANEIRO
MISSÃO HUMANITÁRIA EM NOVA FRIBURGO | 41

43 | RIO GRANDE DO SUL
BATISMO E CURSO DE CULINÁRIA EM BAGÉ

44 | PARAÍBA
BATISMO EM JOÃO PESSOA

47 | RIO GRANDE DO NORTE
EVANGELISMO NO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

48 | RIO DE JANEIRO
CONFERÊNCIAS SOBRE O SANTUÁRIO EM PIABETÁ

51 | SÃO PAULO
RETROSPECTIVA 2017 REGIONAL CAMPINEIRA

RETIRO DA MULHER EM PARATY
SÃO PAULO | 53

Assistência Social em Campo Grande

▪ Vanderson dos Santos | Mato Grosso do Sul

Irmãos presentes à festa de encerramento

Pessoas que participaram dos cursos, com respectivos certificados

No domingo, dia 29 de novembro de 2017, estivemos reunidos em Campo Grande (MS), na igreja central, juntamente com os irmãos do Aero Rancho e do grupo do Aeroporto, em uma conferência especial do encerramento das atividades anuais do Centro Reformista de Assistência Social o Bom Samaritano, que atua na igreja sede de Campo Grande, sob a direção da irmã Maria Luiza Benites e sua equipe que, pela graça de Deus, ofereceram esse ano vários cursos profissionalizantes, dentre os quais corte e costura, pintura em tecido, culinária vegetariana, *biscuit* e crochê. No dia seguinte realizou-se a entrega de certificados, quando houve agradecimentos à equipe de professores e aprendizes, e em exclusividade, a Deus. Tivemos também uma confraternização com excelentes assados naturais, que foram muito apreciados pelos visitantes. Agradecemos a todos, e se Deus quiser, ano que vem reiniciaremos as nossas atividades. "Um ao outro ajudou, e a seu companheiro disse: Esforça-te!" (Isaías 41:6).

Formatura e cantata em Itaporã

▪ William Kelvin | Mato Grosso do Sul

No dia 17 de dezembro realizou-se na igreja de Itaporã uma Cantata com a formatura dos alunos do Curso Bíblico Conectados com Deus séries A e B.
O tema da cantata foi "Brilhando por Jesus". A programação seguiu bem animada com a participação das crianças do projeto Musicanto e da Banda Metais Divinos de Dourados. Logo após a cantata,

Participação infantojuvenil do projeto Musicanto

Alunos recebendo certificados

iniciou-se a entrega de certificados aos formandos do curso bíblico. A igreja ficou repleta de irmãos e visitantes. Boa parte dos visitantes compunha-se de pais de alunos que participam do projeto Musicanto (musicalização gratuita para crianças). Logo após a reunião, tivemos uma confraternização com todos. Que Deus continue abençoando os esforços dos professores e também dos alunos que participaram do Curso Bíblico, e que em breve esses alunos possam dar muitos frutos.

Batismo e casamento

▪ Jonas Volpato | Santa Catarina

No dia 18 de fevereiro de 2018 tivemos em Itajaí (SC) uma maravilhosa cerimônia para selar o voto batismal de três pessoas. No mesmo dia, o casal Everton Ferreira de Souza e Louise de Cassia Silva Souza, assim como a jovem Vanessa da Silva Bohrer confirmaram perante as igrejas de Itajaí e Camboriú, ali reunidas, o concerto já feito com Deus em seus corações. Que a sua caminhada no Senhor seja sempre com passos firmes, e que sua eleição seja confirmada a cada dia até o retorno de nosso grande Deus e salvador Jesus Cristo.

Pastor Sulivan junto com os batizandos

Missão humanitária em Nova Friburgo

▪ Paulo Eduardo Vicente | Rio de Janeiro

Participantes da missão humanitária em Nova Friburgo (RJ)

Equipe de recepcionistas

Artesanato

Médico

Corte de cabelo

Massoterapia

Terapeuta

Aconselhamento pastoral

Nutrição

Enfermagem

No fim de semana de 18 a 20 de agosto de 2017, a cidade de Nova Friburgo (RJ), que fica a cerca de 140 quilômetros da capital, recebeu a equipe de voluntários para realização de mais uma missão. O evangelista Anailton Bacelar e o pr. Paulo Vicente, ao lado da equipe da igreja local, trabalharam com afinco para que tudo transcorresse como planejado. Na sexta-feira fizeram-se os ajustes finais para receber a equipe de trabalho. Após o pôr do sol todos se alojaram na Escola Jindel, onde ocorreria a missão. Na manhã de sábado realizamos nossas atividades espirituais na escola e à tarde convidamos a comunidade.

No domingo pela manhã iniciaram-se as atividades, quando muitas pessoas começaram a ser atendidas pela nossa equipe. Havia as seguintes especificações: atendimentos odontológico, médico, de enfermagem, de massoterapia, cabeleireiro, artesanato, de nutrição, terapêutico, aconselhamento pastoral, atividades para crianças e a equipe de cozinha dando suporte à alimentação dos voluntários.

Gostaríamos de agradecer a Deus, em primeiro lugar, à diretora e sua equipe, que cederam gentilmente o espaço para a realização desse trabalho, ao nosso evangelista e esposa, que juntamente com a equipe da igreja realizaram o impossível, e finalmente à equipe de voluntários da missão, que vieram de diversas partes para prestar trabalho voluntário às pessoas necessitadas.

Que Deus seja louvado, e que as almas alcançadas sejam salvas para o Reino de Deus.

Fechando 2017 com muitas bênçãos

▪ Silvan Paulo | Associação Nordeste Brasileira

A Associação Nordeste Brasileira fechou seu ano de atividades espirituais colhendo muitas bênçãos — alguns frutos preciosos em sua grande seara.
Houve vários batismos no último trimestre, na Associação, mas quero destacar aqui os quatro que ocorreram na região metropolitana do Recife.
No dia 15 de novembro foi a vez dos jovens Gabriel e Adria. Ele veio da igreja Assembleia de Deus. Ela, apesar de ser membro da igreja, sentiu-se reconvertida e pediu para renovar também seu compromisso com o Senhor.
No dia 2 de dezembro foi o testemunho público da irmã Gláucia, que trazida pelo Espirito Santo, numa noite de quarta-feira, assistiu ao culto e nunca mais deixou de vir à igreja. Sua família assistiu a cerimônia batismal, celebrada pelo ancião local Ridley Santana.
Dia 31 de dezembro, fechamos o ano com a grata satisfação de receber a irmã Maria, da cidade de Pombos que, graças ao trabalho de pequenos grupos realizado pelo irmão Wiltanael, dirigente local, voltou à casa paterna. Como incentivo e apoio, sua filha, irmã Josefa, renovou também seu compromisso com Deus.
E para começarmos um ano de bênçãos, no primeiro sábado de janeiro, dia 6, o jovem Gabriel Elias, filho do nosso tesoureiro Daniel Souza, também selou sua fé com o santo batismo, alegrando aos pais e a igreja.
Só temos a agradecer a Deus pelas bênçãos derramadas sobre nossa igreja neste fim de ano, e que 2018 traga outras tantas como essas.
Pedimos aos leitores que orem pelos trabalhos em prol das almas no Nordeste brasileiro.

Batismo de Gabriel e Adria

Família da irmã Gláucia comparece ao seu batismo

Batismo das irmãs Maria e Josefa

Batismo do jovem Gabriel Elias. Ao lado, recebendo certificado de batismo das mãos do pastor Silvan Paulo

Batismo na igreja de Nova Friburgo

▪ Paulo Eduardo Vicente | Rio de Janeiro

Foi no dia 11 de junho de 2017 que estivemos reunidos para a festa espiritual da igreja de Nova Friburgo (RJ). Graças ao bom Deus, o irmão Marcos Cotias encontrou uma senhora enquanto trabalhava, no momento em que ela mais precisava de apoio espiritual, aproximadamente em março de 2015, e mostrou a ela, com o apoio da igreja, a verdade que salva. Por intermédio do pr. Paulo Vicente e do evangelista Anailton Bacelar, a irmã Gersy Domingues recebeu as instruções preparatórias para o batismo, e nessa data tivemos a satisfação de vê-la descer às águas. Foi uma reunião emocionante, onde sentimos a presença de Deus. Logo após o ato batismal, procedemos à recepção e ministração da Santa Ceia no templo, onde a mais nova integrante da igreja teve o privilégio de participar. Ore pelo trabalho de nossa igreja, pois novas almas estão se decidindo em favor da verdade presente. "Até aqui nos ajudou o Senhor".

Igreja reunida no batismo da irmã Gersy Domingues

Batismo e curso de culinária em Bagé

▪ Maurílio Costa | Rio Grande do Sul

No dia 2 de dezembro de 2017, realizou-se em Bagé (RS), distante 380 quilômetros de Porto Alegre, o batismo de três novas almas que entregaram suas vidas a Jesus. A primeira delas, o irmão Gerson Pedra (filho da saudosa irmã Selma, que morreu firme na fé), o qual veio acompanhado da filha, Yanny Pedra, de 15 anos, e da esposa, irmã Aldemir. Oficiou o batismo o pr. Paulo Azevedo. Compareceram os irmãos de Dom Pedrito, cidade vizinha. A solenidade ocorreu no sábado à tarde, num local chamado *Passo do Salso,* junto à natureza.

No dia seguinte, pela manhã, houve o ENAR (Exame Nacional Reformista), sendo que o irmão Rogerio Hoesel foi um dos ganhadores do prêmio. À tarde, a partir das 15 horas, tivemos um curso de culinária vegetariana realizado pelo programa Saúde Total em parceria com o Bom Samaritano. Nossa instrutora foi a irmã Mirian Pizzolito, esposa do pr. Paulo Azevedo.

Compareceram 22 alunos, dentre os quais vários ouvintes do Programa Saúde Total da Rádio Vida FM 95,3. Tivemos o apoio da loja de produtos naturais Saúde Total e da PURIFIC (Purificadores de Água).

Um fim de semana realmente abençoado em Bagé.

Pastor Paulo Azevedo e o obreiro Maurílio junto com os batizandos

Instrutora: irmã Mirian Pizzolito
Abaixo: as pessoas que compareceram ao curso de culinária vegetariana

Conferência e batismo em Itaporã

▪ William Kelvin | Mato Grosso do Sul

Um dos instrumentos entregue pelo Banco Sicredi

Apresentação coletiva de crianças

Batismo de seis pessoas

Nos dias 24 a 25 de novembro de 2017, a igreja de Itaporã sediou uma conferência muito animada com a presença dos irmãos de Dourados, Sete Quedas, Culturama, Campo Grande, Deodápolis, Cabeceira do Apa e Antônio João. As mensagens foram ministradas pelo pastor Renato Konrath.

Na manhã de sábado, a programação foi bem animada, pois tivemos a participação da banda Metais Divinos de Dourados, entre outras participações especiais. Também pela manhã houve um momento muito especial, onde realizou-se a entrega de cinco instrumentos doados pelo Banco Sicredi aos alunos do projeto Musicanto. Presenciamos também a apresentação de quatro crianças ao Senhor.

Pela tarde houve um momento muito emocionante onde o ancião Gilson Trindade teve o privilégio de batizar a sua mãe, Irene Trindade. Cinco almas foram batizadas e houve também uma renovação de votos. Logo após o batismo, tivemos a recepção e a Santa Ceia, da qual os recém-batizados puderam participar.

Oremos para que Deus continue abençoando os trabalhos realizados nesta igreja.

Conferência em Simonésia

▪ Otávio Nascimento | Minas Gerais

Entre os dias 22 a 24 de dezembro de 2017, vivenciamos momentos agradáveis com os irmãos de Simonésia (MG). Deu-se abertura à programação na sexta-feira às 19h30min, com a importante palestra: "É possível nascer sendo velho?"

Retomamos a programação no sábado pela manhã com a classe de professores, a escola sabatina e outra palestra intitulada: "O nascimento da água e do Espírito". Após o almoço comunitário, na área social da igreja, dirigimo-nos para a chácara Recanto Verde, junto à natureza, onde realizamos o batismo de duas preciosas almas.

Retornamos à igreja na mesma tarde para a recepção dos batizandos e a Santa Ceia. Entre participantes de vários lugares, destacaram-se em nossa programação a Banda Sopro Divino, procedente do Estado do Espírito Santo. Encerramos a conferência no domingo às 19h30min com o sugestivo tema: "Os três nascimentos de Jesus".

Agradecemos a colaboração do Missionário Jonas Damascena, do Triângulo Mineiro, por ter colaborado na transmissão das mensagens.

Batismo de duas pessoas em Simonésia (MG)

Banda Sopro Divino, do Espírito Santo

Apresentação das crianças

Batismo em João Pessoa

▪ Madiel Santana | Paraíba

Irmãos presentes ao batismo de três pessoas em João Pessoa (PB)

Conjunto feminino louvando ao Senhor na conferência

Batismo realizado na praia de Cabo Branco (PB)

As três recebendo certificados de batismo

Entre os dias 22 e 29 de outubro de 2017, nossa igreja em João Pessoa (PB) esteve em festa. Ocorreram duas abençoadas programações que animaram e fortaleceram a fé de nossos irmãos. No dia 22, aproveitando-se a solene data que relembra a missão de nosso Senhor no santuário celestial, tivemos uma maravilhosa vigília com o tema *Jesus e o simbolismo do santuário*, quando foram abordadas a importância e a solenidade do tempo em que vivemos. No dia 29 tivemos o primeiro batismo do ano de 2017 em nossa igreja, nas margens da linda praia de Cabo Branco, onde três novas almas se renderam a Cristo. O batismo foi realizado pelo pastor Daniel Rocha. Pedimos orações em favor da obra nesta cidade, para que possamos, em breve, ver novas almas dando esse importante passo rumo a Deus.

Batismo em Botiatuba

▪ Alexandre de Araújo | Paraná

Batismo de oito pessoas em Botiatuba (PR)

A igreja local está a uma geração de desaparecer? Depende de como trata os seus adolescentes e jovens. A igreja de Botiatuba, Almirante Tamandaré (PR), é conhecida por ser a capela da *Clínica Oásis Paranaense*. Mas ela é única em outros aspectos. Como os seus membros moram nas redondezas, todos os seus cultos têm ótima assistência. Além disso, ela recebe muitos visitantes, exatamente pelo fato de estar ligada a Clínica. Outro detalhe que chama a atenção é a grande quantidade de jovens e adolescentes que frequentam os seus cultos. Cerca de um terço dos bancos são preenchidos por eles. Apesar disso, até pouco tempo atrás não havia um trabalho sistemático de discipulado com esse público.

Essa situação mudou por um conjunto de fatos providenciais. Há três anos, uma jovem, filha de um irmão que estava voltando para a comunhão, veio visitar a igreja de seu pai. Era uma semana de oração efetuada durante a Semana Santa. Quem estava pregando era o evangelista Gabriel Gonzalez. Ela gostou muito da reunião, e levada por um primo que era membro da igreja, me procurou para conversarmos sobre suas crenças e algumas dúvidas. O pastor da igreja já tinha feito uma visita à família e estudou sobre a questão do dom de línguas com ela. Contudo, algumas pontas ficaram soltas, e ali mesmo, na porta da igreja, elas foram amarradas. Com o interesse que a jovem manifestou, oferecemos um estudo bíblico. Mas ao contrário do que se costuma fazer, ela foi convidada para ir à casa do irmão Adilson Lopes, que mora na frente do sítio da Clínica, para receber os estudos sábado à tarde. A série de estudos durou um ano, e ao fim, a jovem Jéssica acabou sendo batizada na igreja. Hoje ela é estudante de Nutrição em uma universidade de São Paulo e está contente com a nova fé que abraçou.

Apesar de ter um final feliz, a história não terminou ali. Outra jovem, que fora minha aluna no Ensino Fundamental, também se interessou em receber os estudos. Ela é filha de uma família tradicional da igreja, e a frequenta desde criança. Mas, apesar disso, a jovem Bianca Devai participou com assiduidade dos estudos apresentados, e também se decidiu pelo batismo. Daí estendeu a oportunidade para outros adolescentes participarem do estudo. Com isso, o grupo cresceu para um número entre sete e nove jovens. Um deles já era membro e quis frequentar os estudos para aprender mais. O detalhe importante é que ele serviu de missionário para buscar outros jovens que estavam distantes das coisas espirituais, e perdidos dentro da igreja.

Desse grupo, quatro participantes foram batizados no dia 11 de novembro de 2017 (*veja foto anexa*). Combinado com o trabalho de outros irmãos, além da liderança do pr. José Pereira e do evangelista Tiago Souza, foram batizadas 28 pessoas nos últimos dois anos nessa igreja, sendo que 20 delas são jovens. Outros adolescentes começaram a frequentar o grupo de estudo, e alguns estão decididos pelo batismo. As sementes do futuro da igreja de Botiatuba estão sendo plantadas, e os frutos já estão sendo colhidos.

Encontro de jovens e adolescentes no Vale do Ribeira

▪ Silas Galindo Soares | São Paulo

Transporte dos jovens para o retiro

Nos dias 12 a 15 de outubro, tivemos um encontro de jovens e adolescentes muito especial e animado no Vale do Ribeira, na cidade de Juquiá (SP).

O orador foi o irmão Miquéias Pinheiro que, usado por Deus, nos apresentou palestras muito edificantes.

Tivemos também momentos de diálogo com jovens e adolescentes, os quais foram divididos em grupos por idade e gênero, para conversarem e receberem conselhos dos professores, sobre como um cristão jovem deve andar e se portar quando sozinho, longe de tudo e todos.

Houve gincanas, brincadeiras com bexigas, com corda, torta na cara e muito mais. Houve também o famoso correio elegante no sábado à noite.

Uma parte muito divertida foi o passeio de domingo. As jovens fizeram uma trilha na mata, enquanto os meninos ficaram na piscina; depois, as circunstâncias se inverteram.

Não podemos nos esquecer de mencionar o meio de transporte utilizado para levar esses jovens — um belo caminhão caçamba. Todos adoraram essa parte.

Vários jovens aumentaram a sua fé e ânimo, e reafirmaram o desejo de serem batizados. Oremos por todos eles.

Local do retiro

As meninas fazendo trilha na mata

Batismo em Suzano

▪ Michelle Cristina | São Paulo

No dia 19 de novembro de 2017 o Céu se alegrou com mais uma alma que firmou compromisso eterno com Deus. O batismo ocorreu durante uma conferência local dirigida pelo pastor Adelaide Rocha, nos dias 18 e 19 em Suzano (SP), onde temos um pequeno grupo animado de irmãos.

A cerimônia efetuou-se na Chácara Viva Melhor, localizada no mesmo município, cedida pelo irmão Felipe Félix.

A irmã Oryana Marinho teve o seu desejo atendido, de uma reunião particular, apenas com a participação de membros da igreja local e familiares. O pr. Olmício Nascimento dirigiu a profissão de fé e efetuou o batismo, colhendo a primeira alma de seu ministério pastoral. Como colaborador na programação, compareceu o pr. José Ferreira.

Entre os muitos louvores, ocorreu a recepção do novo membro no mesmo local, e demos continuidade à conferência após o batismo.

Pedimos suas orações em prol dos familiares da irmã Horyana, para que um dia estejamos todos juntos na eternidade.

A jovem Oryana com os pastores José Ferreira e Olmício

Irmãos presentes à conferência e ao batismo

Evangelismo no Instituto Federal do Rio Grande do Norte

· Adriano Filho | Rio Grande do Norte

Desde minha infância, gostei de distribuir folhetos e livros para as pessoas. Se chegassem à minha casa, não podiam sair sem uma literatura. Na minha adolescência, comecei a fazer pesquisa de opinião religiosa e ministrar cursos e estudos bíblicos para meus colegas.

Em 2013, aos 15 anos, comecei a estudar no IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte). Logo no primeiro ano passei a mandar o link do Curso Bíblico On-Line para os colegas e busquei pessoas para estudar o curso bíblico. Alguns até começaram, mas devido à correria dos estudos, não foram adiante.

Do segundo ano em diante, consegui concluir com duas pessoas o curso Passos Para a Vida. No terceiro ano, uma jovem comentou comigo que tinha visitado os Adventistas do Sétimo Dia. O tempo passou, e no quarto ano ela me perguntou se eu ainda era adventista. Respondi que sim. Perguntou-me se eu poderia dar-lhe estudos. Daí em diante passamos a estudar. O interessante é que ela levou três amigas para assistir e acompanhar as lições. A jovem já visitou nossa igreja, continua recebendo estudos e diz ter desejo de fazer parte do nosso movimento.

Sempre que um professor se despedia do nosso campus, recebia de mim um livro de presente. Em 2013, dei a um dos dez maiores palestrantes do Brasil o livro Passos Para a Vitória. No final de 2014, na formatura da turma de informática, doei aos formandos o livro Segredos Para a Vitória, assim como ao prefeito e ao reitor do IFRN, que estavam presentes. Peço que orem por essas almas, para que esse trabalho venha dar frutos para o reino de Deus.

Faço o apelo a todos os irmãos, para que aproveitem toda oportunidade para semear o evangelho eterno no ambiente de trabalho e estudo. Incentivem seus filhos a fazer isso desde a infância. Que Deus nos ajude a levar esta bendita verdade a todos os homens.

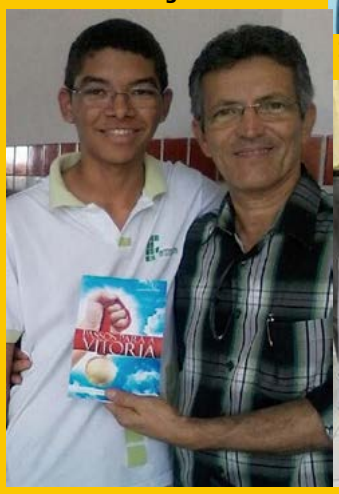
Formandos da turma de informática

Professor de música

Professora de geografia

Professora de inglês

Inspetora dos alunos



Palestrante

Reitor da IFRN

UM DIA MUITO ESPECIAL

Por que o sábado é um dia tão especial?

Leve a mensagem do sábado às pessoas e faça-as conhecer a importância desse dia separado e abençoado por Deus!

PEÇA NA SUA ASSOCIAÇÃO!

Conferências sobre o santuário em Piabetá

▪ Jocemar Gomes | Rio de Janeiro

Nos dias 20 e 21 de outubro de 2017, a igreja de Piabetá, localizada na cidade de Magé (RJ), aproveitou o mês de outubro para abordar assuntos relacionados ao santuário. Junto à liderança da igreja, marcamos essa data. O pr. Paulo Vicente também prestou pronto auxílio, e graças à sintonia de todos, tudo deu certo. O lema geral foi "*O Santuário Celestial, centro de nossa esperança*".

Sexta-feira, dia 20, o evangelista Jocemar Gomes palestrou abordando o tema "*Calendário da Redenção*". Na manhã de sábado ouvimos o importante tema *"Cristo e o dia da expiação"*, explanado pelo pr. Paulo Vicente. À tarde, realizaram-se quatro horas de estudo intercaladas por experiências e cânticos espirituais. O ir. Jocemar abordou o "*Juízo Investigativo e suas respectivas fases*". Na sequência, o pr. Paulo estudou *"O tríplice dever da congregação no dia da expiação"*. Participaram conosco irmãos de Imbariê, Saracuruna, Mauá, Guapimirim, Macaé, visitantes de primeira vez e interessados.

Despedimo-nos do santo sábado dando a oportunidade ao pr. Paulo de proferir a benção sacerdotal. Logo em seguida, tivemos o privilégio de degustar um delicioso "cachorro-quente" vegetariano. Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos ajudado até aqui, ao pr. Paulo Vicente e aos irmãos Herinaldo Gomes (dirigente) e toda a sua equipe, que se esmeraram ao máximo para que esse evento acontecesse. Foi tudo muito bom.

Visitantes de primeira vez

Palestrantes: pr. Paulo Vicente e ir. Jocemar

Participação das crianças

Escola sabatina ao ar livre

Visita a uma clínica de recuperação de dependentes químicos

▪ Antônio Machado | Goiás

Com o nobre ideal de semear sobre todas as águas, bem como o de trabalhar para além das fronteiras do templo, foi que nos reunimos em ação conjunta para uma investida missionária na clínica de dependência química "Desafio Jovem — Shalom" no setor Recreio Samambaia II, na cidade de Goiânia (GO).

Às 7h da manhã do dia 30 de julho de 2017, um grupo de irmãos da igreja da Fama se achava posicionado às margens do ramal que dá acesso à clínica. O irmão Eude estava à frente da equipe de Evangelismo, que se encarregou de providenciar medicamentos, literatura, aparelho aferidor de pressão, medidor de glicose e outros. Já a equipe de assistência social, sob liderança do irmão José Cândido, muniu-se de alimentos, roupas e outros artigos para atender aquelas pessoas. O departamento de música, sob a direção de Éber Veras, abrilhantou aquela ação missionária social com lindos louvores e pregação da Palavra de Deus. Em uma sala anexa estavam o pastor Antonio Machado e o irmão José Cândido de Moura ministrando o conhecimento da Palavra do Senhor e aconselhando os dependentes. Os irmãos Vander do Espírito Santo e Noádia Viggiano atendiam a área de saúde. A Jovem Livya Lara ministrou uma linda reflexão de autoajuda.

Ao chegamos àquela instituição, fomos calorosamente recepcionados pela diretoria, especialmente pelo pastor Fábio José Silva. Passamos a manhã inteira em companhia daquelas pessoas que tanto precisam de carinho, atenção e companheirismo. Foi muito gratificante ouvir testemunhos de alguns deles que relataram o que Jesus tem feito em suas vidas.

Cheios de gratidão, retornamos agradecidos por podermos realizar alguma coisa para Deus e em favor dos sofredores.

Batismo em Aracruz

▪ Tay Xuan de Souza | Espírito Santo

Foi com grande satisfação que a igreja de Aracruz (ES) realizou entre os dias 9 e 16 de dezembro de 2017 dois lindos batismos. A realização do primeiro foi em uma piscina do sítio de um grande amigo da igreja, onde ocorreu uma renovação de voto juntamente com cinco novos batizandos que se decidiram ao lado da verdade. Entre eles, uma família composta pelo pai, mãe e filha — frutos do trabalho do departamento de assistência social "O Bom Samaritano" da igreja local.

A semente havia sido lançada aproximadamente em 1994. A família fora contatada por intermédio do irmão Agenor. Na época, o pai não podia trabalhar para sustentar a família com crianças pequenas, pois estava enfermo. Foi aí que a igreja abraçou a causa. Alguns anos depois, batizaram-se na igreja Adventista, e alguns dos filhos, quando adultos, batizaram-se em nossa igreja. Agora, pela graça de Deus, os pais e a filha tomaram sua decisão ao lado da verdade. A oficialização da cerimônia contou com a participação do pr. João Marcos e do ancião José Carlos.

Uma semana depois, duas novas almas também renovaram seus votos juntamente com dois irmãos que se decidiram ao lado da verdade, confirmando sua decisão nas águas de um lindo lago, pelas mãos do ancião José Carlos. Que Deus seja louvado pela decisão desses queridos irmãos.

Pastor João Marcos realizando batismo de seis pessoas

O ancião José Carlos realizou o batismo de quatro pessoas

Colportagem valdense e recolta em Dourados

▪ Vanderson dos Santos | Mato Grosso do Sul

Irmãos que participaram do evento

Fazendo recolta em feira

Irmãs fazendo recolta e colportagem ao mesmo tempo

Resultado final

Com a graça de nosso bondoso Deus, dia 12 de novembro de 2017, domingo, saímos a cumprir a missão de disseminar a verdade através da colportagem valdense e recolta. Contamos com a presença de nossos voluntários nesta obra, e somos muito gratos a Deus pelos resultados alcançados, tanto no âmbito missionário quanto nos materiais angariados em favor dos menos favorecidos.

Jubileu de Diamante e batismo na igreja de Macaé

▪ Paulo Eduardo Vicente | Rio de janeiro

A cidade de Macaé fica a 200 quilômetros de distância da capital, onde temos nossa igreja há 60 anos. Exatamente em 25 de maio de 1957 inaugurava-se a segunda igreja mais antiga do Estado do Rio de Janeiro. Dos dias 16 a 18 de junho de 2017 foi realizada uma conferência em comemoração à data. Convidamos o pr. Daniel Duarte, secretário da União Sul, para ser nosso conferencista.

Na sexta-feira iniciamos nossa série de conferências cujo lema foi "Escatologia". Ouvimos uma mensagem intitulada "História do planeta Terra" e aprendemos que logo nosso planeta terá um fim para o estabelecimento de um reino eterno. Compareceram irmãos de diversas localidades do Estado, assim como o Conjunto Geração Ágape, que nos apresentou belos hinos em louvor ao nosso Deus.

Pastor Daniel Duarte palestrando

Ao sábado pela manhã, no culto divino, ouvimos a seguinte mensagem: "A última geração". Depois de um almoço caprichado, tivemos a reunião da tarde, onde fizemos a Profissão de Fé, dirigida pelo Pr. Paulo Vicente, seguida do estudo sobre Escatologia.

Igreja de Macaé presente ao batismo de seis pessoas

Pela manhã de domingo saímos ao local do Batismo, às margens da praia de Imbetiba, próximo à igreja, onde nos reunimos para celebrar o batismo, oficiado pelo pastor local. Três almas entregaram suas vidas a Jesus e três irmãos renovaram seus votos batismais. Graças a Deus e ao trabalho do nosso missionário André Nunes e sua equipe de evangelistas voluntários da igreja local, essas almas chegaram a este momento tão importante. Louvado seja o Senhor!

Após a recepção dos novos membros na igreja, ouvimos a última palestra, cujo tema foi: "A Herança dos Salvos". Louvamos a Deus por esta festa que trouxe muita alegria à igreja de Macaé. Ore pelo trabalho realizado em nossa cidade, pois outras almas já tomaram sua decisão, e antes do ano findar, pela graça de Deus teremos mais uma festa batismal.

Batismo em Macaé

▪ Paulo Eduardo Vicente | Rio de Janeiro

Pela misericórdia de Deus chegamos ao fim de 2017 em clima de festa na igreja de Macaé (RJ). Nos dias 1º a 3 de dezembro estivemos reunidos não apenas para mais uma semana de oração, mas para a última colheita do ano.

Na sexta-feira, 1º, iniciamos a semana de oração "Nossa Necessidade de Reforma Hoje", dando continuidade no sábado. Logo após o culto, os candidatos foram aprovados ao batismo, e no período da tarde tivemos a profissão de fé, onde todos puderam confirmar sua crença nas santas doutrinas.

Pela manhã de domingo, saímos ao local do batismo, às margens da praia de Imbetiba, próximo à igreja, onde nos reunimos para celebrar o rito, oficiado pelo pr. Paulo Vicente. Ali pudemos ter a alegria de ver duas almas entregando suas vidas a Jesus, e uma pessoa renovando seus votos batismais. O Senhor tem abençoado o trabalho do nosso evangelista André Nunes com sua equipe de missionários voluntários, mostrando que seus esforços não têm sido em vão. Louvado seja Deus!

Acima: Igreja de Macaé comparece ao batismo
Ao lado: Recepção dos novos membros

No período da tarde recepcionamos os novos membros, participamos da santa ceia e, para finalizar, continuamos nossa semana de oração. A igreja também foi organizada para as novas atividades de 2018. Louvamos a Deus por esta festa que trouxe muita alegria para igreja do céu e para a igreja de Macaé. Ore pelo trabalho realizado em nosso templo, para que o inimigo não atue sobre outras almas que já tomaram sua decisão para o ano de 2018.

Retrospectiva 2017 – Regional Campineira

▪ Fábio Pavan | São Paulo

Você irá acompanhar uma retrospectiva dos melhores momentos de 2017 envolvendo a igreja de Campinas e a Regional Campineira.

Igreja de Campinas:

Março — O Departamento da Mulher, através da irmã Priscila Pavan, organizou as atividades dos sábados do mês para serem dirigidas por nossas queridas irmãs.

Maio — Os departamentos de Família (Priscila Pavan), Missionário (Fabio Pavan), e a liderança da igreja (pr. Valnei Souza), organizaram uma emocionante programação. Filhos de mães que frequentam a igreja prepararam uma surpresa. Apresentaram-se alguns vídeos de filhos ausentes, que mandaram seus recadinhos. No momento da participação infantil, convidaram-se as crianças da igreja para entrar, e na verdade, 30 filhos adultos é que entraram. Emocionante!

Maio — O diretor de jovens da ASPA, Gabriel Gonzalez, a convite do Departamento de Família, dirigiu palestras aos jovens. O pr. Daniel Duarte conversou com os pais, e sua esposa, irmã Silvânia, conversou com as mulheres e mães.

Agosto — Lembrando-se dos pais, os filhos participaram de um delicioso Chá da Tarde, proporcionado pelo Departamento de Família.

Agosto — Iniciou-se em Campinas o maior desafio missionário já proposto: Evangelizar a cidade em dois anos. Equipes foram montadas para levar uma revista missionária a cada lar.

Outubro — A família da Hora fez a plataforma no sábado, onde tivemos um lindo culto realizado pelo pastor Joel. À tarde, uma palestra maravilhosa com a irmã Viviane, líder do departamento infanto-juvenil da ASPA.

Outubro — Antes de terminar o mês, foi realizada uma palestra importantíssima, com o tema "O perigo do mundo 3.0", ministrado pela advogada Carolina DeFilippi, que agradeceu a recepção calorosa dos irmãos da região campineira.

Dezembro — Batizaram-se três pessoas, que se entregaram a Deus — as irmãs Magna Borges, Maria Barbosa e Suelen Monike. Houve também o casamento dos noivos Nalison Araujo e Walanar Oliveira. A cerimônia foi presidida pelo pastor José Pereira. O Departamento de Família ainda proporcionou a Semana da Gentileza, onde ouvimos três dias de palestras com o evangelista Gabriel Gonzalez.

Regional Campineira:

Junho — No 13º sábado, compareceram irmãos de toda a regional. Participaram o Coral Jovem de Artur Alvim, o Conjunto Renovassom e o Quarteto Semear, que apresentaram lindos louvores a Deus. O palestrante foi o evangelista Gabriel Gonzalez. Nessa ocasião, à tarde, houve entrega de revistas missionárias, organizada pela irmã Juliana Santos, líder missionária da Regional.

Batismo de três pessoas em Campinas (SP)

Batismo de seis pessoas em Hortolândia (SP)

Batizandos de Hortolândia com certificados de batismo

Junho — A Regional esteve presente no batismo do casal Diego Souza e Patrícia Faustino, de Hortolândia, e do ir. Laudson Ferreira Quaresma, de Louveira, no templo de Hortolândia.

Setembro — A Regional realizou um de seus maiores eventos até aqui: O **1º Encontro Regional de Música.** Compareceram os irmãos Marcos Pedrazas – Diretor da Comissão de Música da Conferência Geral —, que pregou no culto divino; e o evangelista Evanilson Cruz, líder do departamento de Música da ASPA. Compareceram e participaram o Trio Ecos Divinos (SP), Quarteto Memorial (SP), Sexteto Káris (RJ), Banda Metais Divinos (Rio Claro, Jundiaí e convidados) e o Coral Jovem do Rio de Janeiro.

Agradecemos imensamente a Deus por todas as bênçãos até aqui alcançadas, bem como pelo apoio do pastor Waldomero, do obreiro Eliseu Queiróz e de todos os integrantes da equipe da Regional Campineira.

Grandes coisas fez o Senhor por nós

▪ Antônio Machado | Goiás

Batismo de oito pessoas, das igrejas de Jardim Tiradentes, Alice Barbosa, Morada do Sol e Fama

Novos membros

Pastores José Henrique e Sandro Ribeiro batizando

O último final de semana de setembro de 2017 foi memorável para a comunidade reformista da grande Goiânia.

O pastor Jacinto foi convidado como orador de nossa festa de 13º sábado. Na sexta-feira tivemos a programação do projeto "Palavra Aberta", que é transmitido toda última sexta-feira do mês. Sábado pela manhã ouvimos o sermão subordinado ao tema: "Quem é Jesus?". Na parte da tarde, após a profissão de fé, presenciamos o batismo de oito preciosas almas que renderam suas vidas ao serviço de Deus. Compareceram candidatos das igrejas de Jardim Tiradentes, Alice Barbosa, Morada do Sol e Fama. A cerimônia batismal ficou sob os cuidados dos pastores Sandro Ribeiro e José Henrique.

A programação ficou marcada pela experiência do casal Renato Camargo e Juliana, que após três anos de estudos, finalmente decidiu fechar a empresa no dia de sábado, mudar a alimentação e vestuário, e descer às águas, selando assim sua fé no Salvador Jesus Cristo.

Na noite do primeiro dia da semana concluímos nossa programação com a sugestiva mensagem: "O que Ele fez e o que Ele fará". A alegria estava estampada no rosto dos ouvintes e assistentes. Deus falou poderosamente pelo Seu servo, pastor Jacinto Pereira.

Agradecemos de coração a participação do referido pastor por aceitar nosso convite para essa festa batismal. Pedimos aos leitores desta conceituada revista que orem em favor dos interessados para o próximo batismo.

Seus irmãos da comunidade reformista da grande Goiânia.

Projeto social "Mãos Amigas"

▪ Antônio Machado | Goiás

O Espírito de Deus tocou nosso querido irmão Renato Camargo para a necessidade de atuar na obra do Senhor. Foi assim que, em uma reunião entre amigos, no dia 25 de setembro de 2017, data do aniversário de sua esposa Juliana, que àquela época, do mesmo modo que ele, era uma interessada e se preparava para o batismo, que surgiu a ideia de efetivar um programa que definitivamente ofereceria alimentos e outros benefícios às pessoas carentes da grande Goiânia. Alguns dias depois, já estava formada a equipe de voluntários, que logo puseram mãos à massa.

Com recursos próprios e doações de alguns empresários que abraçaram a ideia, começaram a agir. O dia da semana escolhido para o trabalho foi a segunda-feira. "Mãos Amigas" foi o nome escolhido para o projeto, composto pelos irmãos Renato e Juliana Camargo, Vanderley e Ester Godoy, Antonio e Ivonete Gomes, Lincoln Pereira, Ana Paula, Habston Godoy, Géssica Godoy, Noádia e Lyvia Lara. Esse grupo sempre conta com a ajuda de voluntários para a efetivação de suas atividades semanais.

Atualmente, o projeto completa três meses de atuação ininterrupta e tem abençoado regularmente mais de 200 pessoas nos centros de saúde mais próximos da igreja central. Para o próximo ano, espera atender um número maior de pessoas. A equipe do projeto faz a distribuição de sopas, salgados, sanduíches e oferece orações em favor dos doentes e seus familiares. Simultaneamente oram, doam literaturas e cantam louvores ao Senhor. Que Deus seja louvado!

Retiro da mulher em Paraty

▪ Selma Moura | São Paulo

Os dias 15 a 18 de junho foram especiais para as mulheres que participaram do retiro que fizemos em Paraty (RJ), um paraíso natural de lindas paisagens.
Enfrentamos dias trabalhosos e preocupantes, mas Deus nos dá sempre a oportunidade de nos alegrar na Sua presença. Foi assim que fomos presenteadas com a missão de dirigir o Departamento da Mulher no ano de 2017. O Retiro de Paraty foi um encontro inesquecível. Cada detalhe foi trabalhado com muito amor por todas as participantes que se esmeravam nos pequenos detalhes para fazer com que tudo tivesse um gosto especial... Os cultos, a decoração, a cozinha, as palestras ministradas pela irmã Silvânia Duarte... Tudo nos fez refletir sobre o

Coral da igreja de Paraty (RJ)

prazer de servir como instrumentos nas mãos de Deus.
Os irmãos da igreja de Paraty nos receberam muito bem, com carinho e amor cristãos. Hospedagem e reuniões ocorreram num colégio da cidade onde nos alegramos na presença do Senhor. Na tarde do sábado, fomos ao trabalho missionário com o

Trio Ecos Divinos louvando ao Senhor em Paraty (RJ)

Trio Ecos Divinos, o Coral da igreja local, Conjunto Feminino e todos os demais participantes.
Uma experiência inesquecível: certa criança deu uma revista a um jovem, que começou a chorar copiosamente, e pediu para falar com o pastor. Era

Irmãs fazendo trabalho missionário em Paraty (RJ)

Passeio de barco em Paraty (RJ)

um médico que perdera a esposa há alguns meses e mergulhara no vício do alcoolismo... Segundo suas palavras, estava caminhando para dar fim à própria vida... Queira Deus que as palavras de conforto e esperança tenham chegado ao seu coração e mudado suas intenções.
Deus seja louvado pelas oportunidades que nos dá!

A família nos planos de Deus

▪ Otávio Nascimento | Minas Gerais

A 600 quilômetros de Belo Horizonte, no extremo norte de Minas, está localizada a cidade de São João das Missões, onde temos uma igreja ativa proclamando a tríplice mensagem. Entre

Casamento dos irmãos Joel Alves Simões e Eliselaine Freitas de Oliveira

os dias 12 a 14 de janeiro de 2018, desfrutamos de momentos agradáveis. Participamos de uma série de conferências voltadas para a família. Abrimos nossa programação na sexta-feira às 20h com o tema "A perpetuidade do casamento".
Retomamos à programação no sábado pela manhã com a classe de professores, a escola sabatina, e mais uma palestra: "Como manter o casamento".
Na parte da tarde, intercalamos mais uma palestra, intitulada "Bênçãos do matrimônio", com várias participações musicais.
Encerramos a programação no domingo, às 19h30min com o casamento dos irmãos Joel Alves Simões e Eliselaine Freitas de Oliveira.

SOCIAL (aniversários, nascimentos, casamentos, bodas etc.)

Bodas de vinho em Três Rios

Uma raridade de comemoração — Bodas de vinho (70 anos de casados)

No dia 19 de novembro de 2017, o casal **João e Madalena Martini** comemorou com a família – filhos, netos, bisnetos e tataranetos essa data tão importante.

O pr. Elvis Camargo presidiu a Palavra, compartilhando o significado das Bodas de vinho – Amor, sacrifício, alegria, comprometimento, afinidade e lealdade. O sermão teve como base o primeiro milagre de Jesus na transformação da água em vinho (João 2:1-11).

O casal se uniu em matrimônio em 15 de novembro de 1947. Da união vieram dez filhos, 23 netos, 18 bisnetos e sete tataranetos.

Quase toda a família estava presente para homenagear o casal. O Pedrinho, um dos filhos que mora em São Paulo, mencionou algumas curiosidades a respeito do casal, e salientou que sempre estavam juntos em todos os momentos. Vieram à tona muitas lembranças emocionantes.

"E a sua posteridade será conhecida entre as nações, e os seus descendentes no meio dos povos; todos quantos os virem os reconhecerão como família bendita do Senhor" (Isaías 61:9).

Nascimento

Kalebe Eduardo Vicente
Pai: Paulo Eduardo Vicente
Mãe: Eliane Vicente
Data de nascimento: 10 de janeiro de 2018
Local de nascimento: Niteroi (RJ)

Falecimento

Informamos à comunidade reformista que nossa querida irmã Helena Borges Martins veio a óbito às 15h30min do dia 19 de outubro de 2017, em sua residência, localizada na cidade de São Luís dos Montes Belos (GO).

Nossa querida irmã Helena nasceu em 25 de abril de 1935 em Catalão, Goiás, contando, portanto, com 82 anos de idade. Casou-se com João Martins Borges com quem conviveu 63 anos e 24 dias. Dessa união tiveram sete filhos, 14 netos e 11 bisnetos. Nossa estimada irmã Helena era muito querida por todos os que tiveram a oportunidade de desfrutar de sua companhia. Esposa fiel, mãe dedicada, um exemplo de fé e perseverança.

Helena Borges Martins

Nasceu em um lar católico, e ao conhecer a mensagem do advento, foi batizada em 28 de outubro de 1966 pelo pastor André Cecan, em São Luís dos Montes Belos. Nossa pioneira tombou no combate da fé vitimada por uma terrível pneumonia. Deixa saudades. Seu velório foi oficiado pelos pastores Edson Custódio, José Henrique e Antonio Machado. Dela certamente se pode dizer o que se encontra em Apocalipse 14:13 — " Bem-aventurados os mortos que, desde agora, dormem no Senhor. "

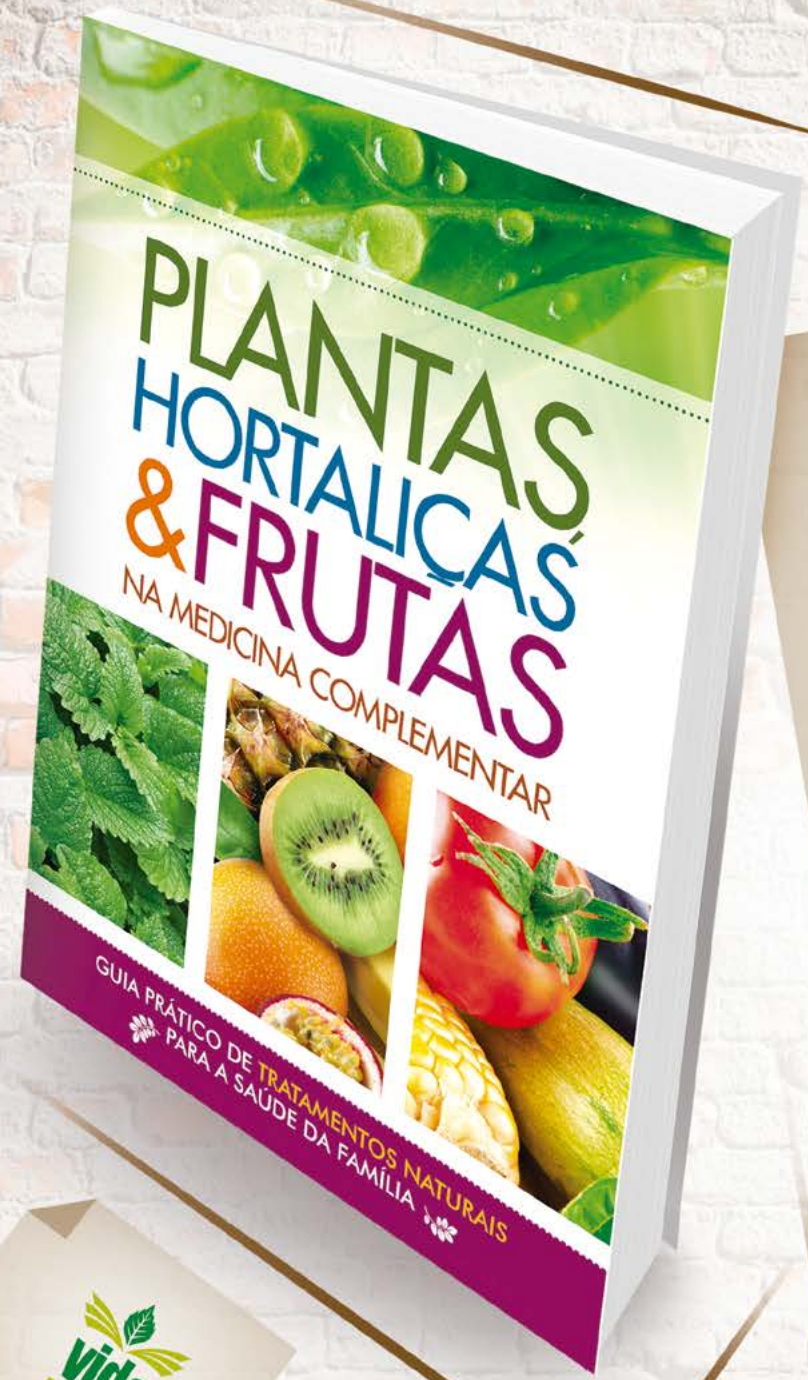
Lançamento

Chegou a nova edição da revista Saúde Total exclusiva para colportores efetivos e para as igrejas usarem na colportagem valdense. Ricamente ilustrada, com 32 páginas, é a nova solução para turbinar o seu trabalho missionário, levantar recursos no dia a dia da colportagem ou angariar fundos para usar em projetos na igreja local. Nesta edição, você conhecerá uma das mais impressionantes façanhas do mundo moderno: a produção de uma dieta e de um estilo de vida que tem deixado a humanidade doente e levado milhões de pessoas à morte prematura. Nosso atual estilo de vida tem gerado uma epidemia de DCNT (Doenças Crônicas Não Transmissíveis) que já é considerada a maior preocupação pública de saúde em nível mundial. Além disso, você acompanhará a história da produção da sacarose, o açúcar de mesa, e seu impacto sobre a saúde humana. Entenda como os hábitos alimentares influenciam decisivamente seu dia a dia e o futuro da sua saúde.

Neste número você terá uma seção exclusiva de tratamentos naturais para tratar as 21 doenças mais comuns do Brasil. Para fechar a edição, disponibilizamos oito receitas de culinária práticas e saborosas para você divulgar no campo de trabalho. Saúde Total da colportagem — **não perca essa oportunidade.**

PEÇA AGORA MESMO NA SUA ASSOCIAÇÃO!

LANÇAMENTO DAS EDIÇÕES VIDA PLENA PARA 2018! NÃO PERCA!



Com centenas de tratamentos e dicas de saúde para os mais variados tipos de doenças

Novidade: todos os tratamentos estão no mesmo artigo da doença que você está pesquisando. Nada de seguir indicações para outras páginas. Muito mais prático!

É a primeira publicação que está de acordo com a portaria 145 do SUS, emitida em 2017.

Ricamente ilustrado, são 208 páginas em encadernação de luxo!

Preço muito mais em conta para o consumidor final:

Apenas R$ 99,00 para o cliente.

Disponível desde 20 de abril de 2018!

vida plena

EDIÇÃO LIMITADA! RESERVE O SEU NA SUA ASSOCIAÇÃO!